

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E
GEOGRAFIA

PRÁTICA DE ENSINO: O
COMEÇO DE UMA PRÁTICA
CONTÍNUA

COORDENADORA E ORIENTADORA: ERONIDES
CÂMARA DONATO

ALUNA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PERÍODO: SEMESTRE 96.2

CAMPINA GRANDE - PB

JANEIRO - 1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Agradeço primeiramente a Deus, suprema força de todos e a minha força maior. Que conduziu-me a trilhar por novos caminhos num determinado tempo da minha vida, um desses caminhos, foi esse; o de voltar a estudar e concluir o meu curso.

Dedico a todos esses..

A meus três filhos: Glauber, Morgana e Mayrla, meu agradecimento e meu amor, pelo incentivo, compreensão e carinho em todos os momentos da minha vida.

A minha mãe: antes de tudo pela minha existência, a minha gratidão e meu amor pelo apoio e força que me conduz sempre.

A Thomas, meu neto, que com sua presença na minha vida, me mostrou que a vida é um eterno descobrir...

A meus irmãos: pelo incentivo através de gestos ou palavras, só me fizeram a continuar na caminhada.

A minha saudade: a memória de meu pai (o meu princípio de tudo) do meu marido e meu irmão, que compartilham espiritualmente comigo esse momento.

A meus familiares e amigos que participam do meu convívio que de certa forma incentivaram-me para essa realização.

Como também aos funcionários, que ao cumprimentarmos-nos nos corredores da universidade, me transmitiram algo mais do que um bom dia ou boa tarde.

Agradeço com saudades...

A todos os professores do curso de História pela orientação ao meu aprendizado, mesmo aqueles em que não fui sua aluna, contribuíram de certa forma para o meu crescimento, intelectual e pessoal.

A todos os meus colegas de curso, a minha lembrança de dias inesquecíveis, em que trocávamos as nossas informações para o crescimento de ambos.

A minha “turma” do nosso Estágio Supervisionado o meu agradecimento por ter recebido o companheirismo e a dedicação de vocês, fica a minha saudade pela “jornada inesquecível que vivemos juntos”. Que os nossos caminhos profissionais ainda possam se encontrar e nos levar a continuação da nossa aprendizagem.

A minha gratidão especial a Nilda, a nossa Coordenadora e Orientadora da prática de Ensino, que nos conduziu tão bem no percurso de todo o Estágio Supervisionado a atingir uma meta através da Atividade Planejada mesmo as suas críticas agradecemos, porque só nos ajudaram a crescer e fundamentar o nosso propósito de não estacionar mas continuar sempre.

APRESENTAÇÃO

Esse relatório tem como objetivo, mostrar o trabalho pedagógico desenvolvido conjuntamente pelos estagiários em Licenciatura do curso de História, do semestre 96.2 no campo do Estágio Supervisionado.

Diante do exposto neste trabalho, o leitor é convidado a tomar conhecimento e refletir sobre o mesmo.

Espera-se que esse trabalho possa, de certa forma, contribuir na trajetória de futuros caminhos da educação.

SUMÁRIO

Apresentação

Introdução.....	02
CAPÍTULO I - Estágio Supervisionado: Experiência única e de todos"	03
CAPÍTULO II - O Planejamento de Ensino: Processo integridade entre Escola e Contexto Social.....	10
CAPÍTULO III - Avaliação: uma prática democrática.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
BIBLIOGRAFIA	23

ANEXOS

ANEXO I - Textos

ANEXO II - Esquemas

ANEXO III - Planos de Aula

ANEXO IV - Planos de Unidade

ANEXO V - Planos de Ensino

ANEXO VI - Exercício

ANEXO VI - Lista dos nomes com as notas da 5ª Série

ANEXO VII - Lista de presença da 5ª Série

ANEXO VIII - Lista dos nomes com as notas do 2º Grau

ANEXO IX - Lista de presença do 2º Grau

ANEXO X - Avaliação dos alunos.

INTRODUÇÃO

"A rapidez e a profundidade das mudanças leva a sociedade a funcionar sem que se saiba como as coisas surgiram, imprimindo descontinuidade na vida das pessoas"

(ERIC HOBSBAWN)

INTRODUÇÃO

O Estagiário dispõe de um tempo limitado para realizar a contento um trabalho eficiente e proveitoso na escola. Haja visto que a realidade escolar para nós estagiários é muito diferente do imaginado. Percebemos assim o grande desafio profissional que nos espera. Isso nos traz maiores reflexões sobre o assunto, já que o curso não oferece um número de disciplinas preparatórias que estejam mais direcionadas com a prática de Ensino.

Assim, o nosso trabalho fica ainda a desejar levando a nós estagiários a vários questionamentos e reflexões no sentido de: É possível se realizar satisfatoriamente um bom trabalho pedagógico de 1º e 2º graus na Escola Pública?

Diante da nossa proposta de trabalho, o presente relatório está dividido em três partes, cuja divisão está contida a discussão do processo de nossa prática de ensino na escola de 1º e 2º grau.

No primeiro capítulo mostraremos todas as nossas experiências do estágio supervisionado, como foram os primeiros contatos com a Escola pública, ou seja com a realidade da escola e dos alunos, enfim discutiremos a nossa atuação no processo ensino-aprendizagem.

No segundo Capítulo; tentaremos mostrar ao leitor que o planejamento é fundamental para desenvolver qualquer atividade, principalmente no campo da educação.

Nesse sentido, o capítulo referente ao Planejamento de Ensino procuramos utilizar auxílio bibliográfico para melhor fundamentar a nossa proposta.

Quanto ao terceiro Capítulo, abordamos sobre a avaliação na aprendizagem, onde vários tópicos são discutidos a partir de conceitos teóricos, procurando esclarecer a problematização da questão.

Decidimos trabalhar sobre a avaliação a partir das nossas experiências no momento da avaliação com os nossos alunos e vimos como é difícil o ato de avaliar.

CAPÍTULO I

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA ÚNICA E DE TODOS

"Os valores, no entanto, nada mais são do que algo 'humano', demasiado 'humano'".

(NIETZSCHE)

EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO

Nesse capítulo, a finalidade maior é relatar as nossas experiências como pretensos professores no decorrer do Estágio Supervisionado, e para nós estagiários, essas experiências começaram desde as primeiras aulas da disciplina Prática de Ensino do semestre 96.2 sob a Coordenação e Orientação da professora Nilda como é chamada por todos os professores e alunos do curso de História do Campus II. Na qual essas primeiras aulas da Prática de Ensino foram sobre como aprender a planejar as aulas que nós estagiários daríamos no momento da Prática de Ensino na Escola, desde a ~~partir da~~ seleção de Conteúdos à avaliação.

A exemplo do semestre passado, as aulas nas Escolas, foram ministradas diretamente pelos estagiários, nesse sentido iniciamos o semestre 96.2. Só que antes de iniciarmos a efetivação das nossas aulas, a nossa Coordenadora da Prática de Ensino levou-nos a visitar a Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira¹, escola essa escolhida para a realização do Estágio Supervisionado.

E assim, no dia 09 de outubro do corrente ano às 14 hs, fomos nós estagiários em grupo de seis com a nossa Coordenadora a visitação da referida escola, a acertar com a Diretora sobre o nosso estágio na Escola.

Depois de acertados os horários das aulas e das turmas estabelecidas para a realização do nosso trabalho como professor-estagiário, houve o afastamento temporário dos professores regentes de comum acordo, e assim assumimos por três meses consecutivos as nossas atividades pedagógicas.

Ficamos com a 5ª série D do 1º grau e outra turma do 2º grau o 1º ano B. A partir desse momento, tomamos consciência, quase de imediato da nossa grande “missão” e por que grande? Porque quando uma incumbência lhe é confiada e de sob sua inteira competência, a dimensão da

¹ Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira ver o quadro físico e histórico nos relatórios dos alunos do semestre 96.1

responsabilidade toma proporções ainda maiores, entretanto, como só tínhamos três dias para a preparação da nossa primeira aula e isso só fez aumentar ainda mais as nossas expectativas.

E assim, sob a orientação de nossa coordenadora, foram discutidas quais seriam as atividades de ensino dentro do campo de estágio. Nesse sentido começamos a nos preparar para planejarmos primeiro as nossas atividades pedagógicas para depois executá-las, ou seja íamos pôr em prática, as “nossas” aulas que começavam na próxima segunda-feira dia 14 de outubro do corrente ano.

Fomos orientados no sentido de como fazer a seleção de conteúdo, que foi feito a partir do plano já existente na Escola Estadual de Bodocongó a “nossa” escola estagiária. Na elaboração do Plano de Ensino (ver anexo 5) em que consta o objetivo geral, foi um pouco difícil para nós, no sentido de como só iríamos ficar com a unidade IV, a elaboração do Plano de Ensino mesmo preparado por nós, não nos deixou numa “situação real”, porque realmente não daríamos as aulas de todo o ano letivo.

Mas, já na elaboração do plano de unidade (ver anexo 2) do 1º e 2º graus, que sentimos realmente que as aulas estariam sobre o nosso “domínio” e responsabilidade, acontecendo assim também com os planos de aula (ver anexo 3) que foram sendo feitos a cada aula.

Fomos orientados de início, a usar as técnicas básicas de ensino, tais como a utilização do quadro negro como dividi-lo ou seja, como usá-lo didaticamente, em três partes: do lado direito usa-se o mapa, no meio, o roteiro da aula e no lado esquerdo, usa-se outros recursos didáticos, ainda tomamos conhecimentos de outros procedimentos didáticos usados em sala de aula, como a utilização de Esquema (veja anexos 2) forma de apresentar o conteúdo de forma gradativa, no momento da transmissão das aulas.

Outro aspecto que não sabíamos, que nos foi alertado, e como saber dividir o tempo em sala de aula, para se obter um melhor aproveitamento e rendimento das aulas. Assim, procuramos nos inteirar dessas primeiras “práticas” de ensino.

E foi nessa perspectiva de planejar primeiro as aulas para executá-las com mais segurança que partimos para um planejamento de início em conjunto, onde aprendemos a juntar as nossas “experiências” para mais tarde nos sintonizar com o trabalho que seria realizado por cada um de nós.

Mas no momento que houve a seleção de conteúdos tivemos que pesquisa-los nos livros didáticos (considerados tradicionais) que estavam a disposição da nossa turma. A nossa preocupação foi delineando a nossa frente, pela forma como estavam apresentados os conteúdos nesses livros, considerados pela “nova” história como sendo de visão tradicionalista, perpassando um ensino “pronto e acabado”, e nossa preocupação é por pretender ampliar a compreensão dos nossos alunos no processo ensino-aprendizagem, perceber “diferenças” e não só “semelhanças” no processo histórico do Brasil.

Foi por esse e outros motivos, que a nossa capacidade de querer desempenhar um bom trabalho, nos levou à vários momentos de apreensões e porque não dizer tensões mesmo, no instante de colocar o nosso objetivo-maior, que seriam aulas bem “dadas”.

Mesmo tateando nos “erros” e “acertos”, prosseguimos na nossa luta, em busca de alcançar bons resultados com a nossa experiência em sala de aula.

Mesmo sabendo que os alunos não teriam a curto prazo um posicionamento crítico em relação ao ensino-aprendizagem, pois seria muita pretensão nossa pensar assim, principalmente em relação aos alunos da 5ª série do 1º grau, em que o poder de abstração estava ainda só a começar.

Agora, iremos falar sobre a primeira aula, é pertinente a nós estagiários que detalhemos mais essa aula. Foi a 5ª série D turma de quarenta alunos, com perfil semelhante por os alunos terem a faixa etária entre 13 e 16 anos.

Feito as apresentações, o objetivo nesse momento foi passar uma boa impressão aos alunos, estabelecer assim uma relação de simpatia mútua procurar produzir “saber” junto com os alunos. Nesse sentido partimos para apresentar o conteúdo, e o assunto dessa primeira aula foi revisão sobre a

sociedade açucareira, (anexo 2) começando a explanação do assunto, mostrando que o Brasil era uma Colônia de exploração pertencente a Metrópole, ou seja o Brasil era submetido a Portugal. Utilizamos o quadro negro, com apresentação de esquema (anexos 2) trabalhamos com o ponto denominado. 1. A sociedade açucareira em que enfocava os dois principais grupos sociais e o comportamento da sociedade. 2. O desempenho do trabalho escravo na produção açucareira, e por último, 3. O funcionamento do Engenho Colonial como recurso importante na transformação da cana em açúcar, e a contribuição que deu para que o produto fosse levado ao transporte e comercializado.

Dessa forma, a ansiedade da primeira aula foi tanta que não soubemos dividir o tempo em sala de aula, cujo toque para o seu final foi dado e ainda estávamos a falar sobre o conteúdo. Mas, no momento da nossa auto avaliação onde discutirmos as nossas falhas aprendemos a não ter pressa e se preocupar mais com dinamização em sala de aula.

Ainda no 1º grau, trabalhamos os conteúdos que foram: a Sociedade Açucareira; (já foi feito referência) A Mineração, A Expansão Territorial; Os. Movimentos Nativistas e As Rebeliões Coloniais. Procuramos apresentar cada um desses conteúdos de forma diferente aos alunos, para estimular o interesse deles um pouco mais pelas aulas de História.

Para isso utilizamos vários livros didáticos² não só a nível de 1º e 2º graus, mas buscando auxílio bibliográfico de 3º grau, textos que utilizamos na Universidade para poder nos orientar e desempenhar as nossas funções pedagógicas com um embasamento mais teórico, sem esquecer que devíamos transmitir aos alunos de forma clara e compreensível e que provocássemos os mesmos para a reflexão.

A elaboração dos textos (anexo 1) que usamos durante o período da prática, tanto quanto a nível de 1º e como 2º graus, sentimos inicialmente um pouco de dificuldade, mas em seguida a experiência de produzir conjuntamente, contribuiu para superarmos essa dificuldade. Na produção de

² Os livros didáticos usados para o Planejamento das aulas da Prática de Ensino estão nos Planos de Aula

textos tentamos trabalhar a história enfatizando mais as relações sociais e culturais no processo histórico, procurando trabalhar os conceitos de forma que os alunos pudessem ter um entendimento melhor.

Tanto no 1º grau, como no 2º grau, utilizamos a metodologia da aula expositiva-dialogada para provocar o aluno a participação das aulas, além de recursos didáticos, como mapas, cartazes, esquemas, textos e slides para uma melhor fixação aos conteúdos.

Foi utilizado o método retrospectivo em que relacionava o presente ao passado no momento histórico e também o método comparativo que relacionava o conteúdo das aulas anteriores com as aulas do momento para ajudar os alunos a compreensão da aprendizagem e fixação da mesma.

No 1º científico houve uma possibilidade de sondagem antes de ministrarmos a primeira aula, onde perguntamos aos alunos algumas questões sobre a disciplina História, como por exemplo: por que deve-se estudar História, e veja o leitor algumas das respostas apresentadas por eles.

“³História é o estudo da “nossa” história.”

“Acho bom estudar a história do Brasil, por que é onde vivemos.”

Essas respostas revelam que os alunos já têm um poder de abstração maior, percebe-se que eles estão preocupados com a realidade ou seja não desassociam a História da realidade.

Ainda, no segundo grau, foram trabalhados os conteúdos referente a história da Paraíba (anexo 4) com relação ao processo de colonização e exploração da Paraíba.

No que se refere sobre a avaliação feita aos alunos de 1º e 2º graus e sobre todo o nosso processo de ensino-aprendizagem, foram estabelecidos critérios que de acordo com o nosso objetivo, saberíamos se foram cumpridos ou não, e para isso, ao de cada assunto dado, foram feitos exercícios individuais e em grupo, e produção de textos valendo uma nota. (anexo 6) Todas essas atividades foram realizadas para estimular o aluno a

³ Frases dos alunos do 2º grau, sobre o que é história.

aprendizagem e perceber o desempenho deles com relação ao que foi ensinado nas aulas.

O resultado dessa avaliação foi sensivelmente gratificante, pois utilizamos os recursos didáticos como um meio e não como um fim, e isso nos foi perceptível, ao usar os slides na aula sobre o tema da mineração. Percebemos que nesse conteúdo, os alunos tiveram uma visão geral do que foi o processo da mineração, isso foi percebido nos textos elaborados (anexo 6) por eles ou sejam nos exercícios aplicados. Ao assistirem o slide alguns dos alunos ficaram bastantes impressionados com Xica da Silva⁴, principalmente as meninas, em que as mesmas acharam incrível uma escrava virar princesa depois de terem conhecimentos da vida difícil dos escravos. Outros acharam interessante a vinda de pessoas de outras regiões e comercializar os alimentos com as pessoas das regiões das minas. Eles acharam que o fato de haver trocado de alimentos entre vários grupos sociais, era um gesto de solidariedade. Nesse sentido percebemos que os alunos estão despertando para os problemas sociais.

Por essas impressões que os alunos colocaram em seus textos, fica bem explícito que o conteúdo sobre a mineração foi unânime aos alunos num passo a frente no processo de ensino-aprendizagem. Foi um tema bem trabalhado em três aulas seguidas, e que a apresentação de slides concorreu para uma melhor fixação do aprendizado. No que diz respeito a utilização das imagens dos slides fez com que as mentes dos alunos abrissem caminhos para a criação de sua própria interpretação da história, cuja versão foi dada por cada um deles conforme a sua fantástica imaginação.

Concluimos que pela criatividade dos alunos cabe ao professor saber orientá-los e criar um ambiente sereno e de respeito pela qual possa aflorar e desenvolver a pluralidade dentro da classe, para isso deve-se deixar de lado o autoritarismo e estimular a criatividade, no sentido de que o aluno possa ter espaço para desenvolver e transmitir as suas próprias idéias ao

⁴ Xica da Silva. Personagem da história dos escravos.

professor. Só assim com essa relação de troca e ensino-aprendizagem com certeza trará bons resultados.

No último dia de aula da 5ª série B do 1º grau. Os alunos foram solicitados para fazer uma avaliação sobre as aulas de Histórias dadas pelo professor-estagiário ou seja dadas por mim. Colocando os pontos que eles achassem positivos e os que não gostaram, e que ficassem à vontade para explorarem de forma democrática as suas opiniões.

Sensibilizou-me as avaliações feitas pelos alunos, apesar de pouco tempo de estágio, os conteúdos foram no geral bem assimilados por eles, isso ficou evidenciado quando a maioria dos alunos mencionaram os conteúdos dados nas aulas no momento que estavam fazendo a avaliação (ver anexo 10).

Dessa forma chegamos ao final das nossas experiências na prática de ensino, com a consciência de ter tentado realizar um bom trabalho, mesmo conscientes de nossas limitações, a experiência foi gratificante e válida em sala de aula, não só no sentido de ensinar, mas de aprender sempre no processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO II

O PLANEJAMENTO DE ENSINO: PROCESSO INTEGRADOR ENTRE ESCOLA E CONTEXTO SOCIAL

**"O conhecimento começa a partir
do que é comunicável e
controlável"**

(PIAGET)

PLANEJAMENTO DE ENSINO: PROCESSO INTEGRADOR ENTRE ESCOLA E CONTEXTO SOCIAL

O Planejamento é imprescindível em qualquer atividade humana, é quase uma exigência que se impõe no cotidiano das pessoas. Ao empreender qualquer atividade, o indivíduo tem como procedimento a importância de preparar um planejamento, para poder obter um melhor êxito nos objetivos a que se propõe.

Em relação as nossas atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado, o nosso primeiro passo foi fazer o planejamento de Ensino para podermos desempenhar bem as nossas funções pedagógicas com bastante segurança. O planejamento inclui a definição dos objetivos, a articulação com os conteúdos, a inclusão dos métodos de ensino, ou seja; a metodologia a ser aplicada e por fim a avaliação.

Ao iniciar o planejamento das aulas, é imprescindível perguntarmos: que proposta de trabalho queremos realizar? Que proposta de ensino apresentaremos aos nossos alunos, uma reprodução do ensino ou uma proposta de produção do conhecimento?

Nessa perspectiva de dinamizar o ensino-aprendizagem, o professor procura se cercar de seus instrumentos de trabalho. Diante desses procedimentos⁵ didáticos o professor então, traça o seu caminho pedagógico, ou seja já consciente de sua concepção de educação procura construir as suas atividades de ensino para o crescimento de ambos (professor-aluno) na produção do saber.

É pertinente ao professor conhecer que tipo de abordagem⁶ deve incorporar no processo ensino-aprendizagem durante o seu cotidiano didático pedagógico. O professor sabe que não existe um modelo fixo e pré-

⁵ LOPES, Antônia Osima. In: Repensando a Didática/Ilma Passos de Alencastro Veiga (coord.): 10ª ed. Campinas, São Paulo, Papirus, 1993.

⁶ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

determinado para a ação pedagógica, pois esse é um processo dialético que sempre está em mutação.

Nessa perspectiva, o profissional da educação é orientado para uma direção, tomando assim consciência da realidade social em que o mesmo está inserido, no sentido de interação: mundo, escola, aluno, professor, ou seja o planejamento de ensino seria um processo integrador entre escola e contexto social⁷, possibilitando assim que essa integração seja de forma crítica e transformadora. Segundo Osima Lopes⁸...

“Isso significa dizer que as atividades educativas seriam planejadas tendo como ponto de referência a problemática sócio-cultural, econômica e política do contexto onde a escola está inserida...”

Diante disso, o professor ao se cercar da realidade da “sua” escola, busca o planejamento participativo⁹, em que há a participação de todos no processo educativo, ou seja, pais, alunos, professores. Estariam, assim, as ações direcionadas para a produção do conhecimento, tendo a realidade histórica como o seu referencial.

No decorrer do processo de ensino é de fundamental importância, o professor se inteirar da realidade concreta do aluno, em que são conhecidos os seus interesses e necessidades, nesse sentido.

“...a opção do professor por um ensino crítico e transformador somente se concretizará através de uma sistemática de planejar seu trabalho de forma participativa e problematizadora¹⁰...”

Os passos do planejamento como já dissemos anteriormente são vários. No planejamento pressupõe que o professor tenha claro os objetivos a serem atingidos durante o curso a ser ministrado no ano letivo.

⁷ LOPES, Antônia Osima. Planejamento do Ensino numa perspectiva crítica de educação. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (coord.). Repensando a didática. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995. p.45.

⁸ LOPES, Antônia Osima. Idem. p.45

⁹ LOPES, Antônia Osima. Idem. p. 46.

¹⁰ Idem. p. 51.

No processo educativo, a definição dos objetivos depende da concepção que nós temos de Educação. Para utilizá-los é necessário que o professor tenha claro o papel importante que tem os verbos utilizados, as metas a serem atingidas, e a relação que têm os objetivos com o conteúdo programático e tendo consciência que o plano tem flexibilidade para os questionamentos imprevisíveis que provavelmente serão apresentados.

Dessa forma, a articulação¹¹ entre objetivos e conteúdos contribui para o crescimento recíproco na relação pedagógica, pois na medida em que há esta preocupação cresce o professor e o aluno. Nesse sentido, fomos orientados na nossa Prática de Ensino a fazer uma reflexão sobre o significado dos objetivos que estão sendo planejados, fazendo uma articulação também sobre a nossa concepção de Educação com o que estamos pretendendo desenvolver para o conhecimento de nossos alunos.

A escolha dos conteúdos é também de fundamental importância para que haja uma assimilação satisfatória do ensino-aprendizagem. É tarefa do professor refletir o conhecimento histórico selecionado pelos livros didáticos, contribuindo para que os alunos possam discutir, criticar e principalmente, pensar a forma de contribuir com a produção do conhecimento, levando-os a conhecer a própria cultura e a realidade que o cerca. Nesse sentido os professores ao fazer uma adequação entre os conteúdos programados pelo sistema escolar com a realidade social dos alunos, poderá assim superar alguns problemas e haver interesse por parte dos alunos na aprendizagem.

Portanto, a seleção de conteúdos é importante para o desenvolvimento da aprendizagem, e segundo Mizukami, sobre as leituras feitas sobre a proposta Rogeriana¹²

...A pesquisa dos conteúdos será feita pelos alunos, que deverão, por sua vez ser capazes de criticá-los, aperfeiçoá-los ou até mesmo de substituí-los..."

¹¹ CASTANHO, Márcia Eugênia. L. e M. J.. Os objetivos da Educação. In: Repensando a Didática/Ilma Passos de Alencastro Veiga (coord.). 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993. p. 61

¹² MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. p. 54

Só assim o professor consegue estabelecer dinamização na prática de ensinar, apesar do professor captar estratégias para desenvolver um bom trabalho no campo da Educação a partir de um eficiente planejamento de ensino, é preciso se ter em mente, que as coisas não são estáticas, e que é possível haver variações. Segundo leituras que Osima fez sobre Paulo Freire com relação aos conteúdos.

¹³... "Se os professores e alunos exercessem o poder de produzir novos conhecimentos a partir dos conteúdos impostos pelos currículos escolares, estariam de fato consolidando seu poder, de contribuir para a transformação da sociedade..."

Isso mostra que é importante a articulação entre os objetivos propostos e os conteúdos a serem estudados para obter a produção de novos conhecimentos e nas mais diversas formas de aprendizagem. Também não podemos deixar de mencionar o papel que tem a metodologia no planejamento.

Há vários aspectos incorporados na metodologia como por exemplo: as estratégias, o método, os recursos didáticos, as técnicas e a concepção teórica do professor, é preciso que ao utilizá-la os alunos possam produzir o conhecimento, ou melhor, e para isso, o método de ensino é um dos elementos precisos que o professor usa para atingir esta meta.

A metodologia assim, segundo Rays.

... "pode trabalhar o conhecimento pedagógico e o conhecimento social em seu próprio desenrolar e de forma totalizante..."¹⁴

¹³ LOPES, Antônia Osima. Planejamento do Ensino numa perspectiva crítica de Educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.) Repensando a didática. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995. p. 48

¹⁴ RAYS, Osvaldo Alonso - A questão da metodologia do Ensino na didática escolar "In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.) Repensando a didática, 1.ª ed., Campina, São Paulo,, 1995 - p.5

No nosso estágio supervisionado, utilizarmos com frequência a técnica da aula expositiva-dialogada para estimular a participação dos alunos, embora tenhamos utilizado outras técnicas para dinamizar as aulas e para que houvesse um estímulo à criatividade dos alunos. Além disso nos dispomos de slides, de cartazes e de outros recursos para que o processo de produção do conhecimento pudesse ser atingido com mais facilidade.

No que se refere a relação entre professor-aluno e planejamento, apesar do pouco tempo para a nossa experiência na escola, percebemos que essa relação é necessária para um bom desenvolvimento da aprendizagem, conseqüentemente se for satisfatória influi no aprendizado, e neste sentido tentamos atingir razoavelmente com os nossos alunos. (ver anexo 10).

A relação entre o professor e aluno estabelece-se também através de laços afetivos, que por sua vez influencia o seu comportamento (aluno) como um todo, podendo a partir dessa relação contribuir como futuro cidadão na sociedade.

Segundo Mizukami, quanto a abordagem socio-cultural de Paulo Freire, com relação professor-aluno ele diz:

... "a relação professor-aluno é horizontal e não imposta. Para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando e o educando, por sua vez, educador. Quando esta relação não se efetiva, não há educação..."
15

Dessa forma, para que haja êxito no processo ensino-aprendizagem é preciso haver a troca de papéis entre o professor-aluno.

Por isso é que o diálogo autêntico entre professor aluno, interage a relação de certa forma que garante o conhecimento a todos que participam do mesmo processo.

¹⁵ MIZUKAMI, Maria da Graça, Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU,, 1986. p. 99.

Portanto, diante das questões apresentadas que articulam o planejamento temos consciência de que se for necessário alterá-lo, ele será levado ao processo contínuo da avaliação periódica. (veja no III Capítulo, sobre a avaliação).

Diante disso, o professor precisa estar atento e fazer reformulações necessárias, ou seja reconhecer que o plano de ensino é flexível em função da realidade dinâmica que se realiza o processo ensino-aprendizagem. Portanto, a avaliação do plano de ensino tem como principal objetivo reabastecer ou seja realimentar o sistema planejado pelo meio de um processo organizado chamado de Feedback¹⁶.

... "Quanto mais cedo recebemos feedback, mais possibilidades teremos de fazer os ajustes necessários nos diversos elementos que apontamos como integrantes de um planejamento e nas relações entre eles..."¹⁷

Nesse sentido, fica óbvio que sem um planejamento adequado e direcionado para um determinado fim é impossível realizar qualquer trabalho e alcançar os objetivos, ainda mais, quando esse trabalho está relacionado ao campo da educação.

Com relação ao nosso Planejamento que elaboramos para executarmos a nossa prática pedagógica na Escola Estadual de Bodocongó, procuramos utilizar o planejamento com consciência de nossa responsabilidade, para conseguirmos obter bons resultados.

Procurando dentro de nossas limitações, esforços que projetassem a alcançar a nossa meta. E para isso é que as nossas primeiras aulas da prática de ensino no nosso estágio supervisionado foi orientado no sentido de: planejar para depois executar e desse modo tentamos proceder a orientação da coordenadora da disciplina Prática de Ensino. Nesse sentido mostraremos os

¹⁶ Feedback: processo de retro-alimentação.

¹⁷ MARTINS, José do Prado. Didática Geral. (Parra (19726) Editora Atlas S.A. 1988. p. 106.

planos de aula. (anexos 3), planos de unidade (anexo 4) e planos de Ensino (anexos 5).

CAPÍTULO III

A AVALIAÇÃO DO ENSINO- APRENDIZAGEM: UMA PRÁTICA DEMOCRÁTICA

"O objeto não se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história, enganamo-nos quando pensamos que o fazer, a prática se explica a partir do que é feito. "

(PAUL VEYNE)

AVALIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Avaliar é um termo que não está só ligado a educação, mas aos atos do indivíduo como um todo, no sentido, em que a pessoa sempre está fazendo juízo de si mesmo e do outro, ou seja, todos estão permanentemente em processo avaliativo.

No campo da educação possivelmente a avaliação é tida como um dos objetivos finais da aprendizagem. Várias são as correntes pedagógicas que buscam a compreensão ou possíveis soluções para o processo da avaliação entre os mais diversos caminhos.

Para o professor, é questionável o momento em que vai avaliar o aluno, será que só colocar a nota o aluno está avaliado? Quais os critérios usados no processo de avaliação? ou que técnica usar, enfim, qual o referencial para se avaliar principalmente um adolescente em fase escolar? Foi com muitas dúvidas, que fizemos essas indagações e sentimos que nós estagiários, devíamos repensar sobre a avaliação.

Sob a forma da avaliação tradicional, são aplicados testes, provas etc. que permitem um fácil diagnóstico para o professor "Saber" avaliar o aluno. Avaliar se houve aprendizado, não é só o resultado de uma nota que dirá isso, mas parece que no método tradicional a avaliação visa tão somente a reprodução do conteúdo em sala de aula. Na abordagem tradicional segundo Mizukami;

¹⁸ ... "O Exame passa a ter um fim em si mesmo e o ritual é mantido. As notas obtidas funcionam, na sociedade, como níveis de aquisição do patrimônio cultural..."

Quando se refere a avaliação contínua, o aluno é observado a cada aula pelo desempenho de suas habilidades escolares, pelo o processo contínuo da produção do conhecimento. Este "modelo" de avaliação está

¹⁸ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. p. 17.

próximo da abordagem sócio-cultural defendido por Paulo Freire. Já a abordagem comportamentalista, sugere uma programação prévia dos comportamentos ao iniciar o processo ensino-aprendizagem.

Sendo assim:

... "a avaliação surge como parte integrante das próprias condições para a ocorrência da aprendizagem, pois os comportamentos dos alunos são modelados à medida em que estes tem conhecimento dos resultados de seu comportamento..."¹⁹

Nessa perspectiva o professor ao se definir pela abordagem sócio-cultural planeja diversas atividades, tanto individual como coletiva, para que os alunos possam passo a passo produzir o conhecimento.

Cabe ao professor avaliar com responsabilidade na difícil tarefa de pôr uma nota ou conceito ao aluno, como também cabe ao aluno um papel essencialmente ativo no sentido de observar, comparar, analisar e argumentar, mas que o professor só oriente e nunca oferecer a solução pronta.

Dessa forma, no nosso Estágio Supervisionado procuramos optar pela avaliação formativa, que é predominante na educação transformadora, educação que pertence a chamada Escola Moderna, em que permite o aluno a tomar conhecimento dos seus "erros", "acertos" contidos nos exercícios ou provas, ou seja, o aluno passa a reconhecer onde houve erro e pode ser orientado a esse reconhecimento, como também saber que atingiu estágios mais elevados na sua aprendizagem.

Mas diante de antigos métodos ainda usados, tivemos que estabelecer critérios que fossem de acordo com o sistema escolar, por isso fomos "obrigados" a adotar procedimentos tradicionais, que de certa forma fugiram dos nossos objetivos.

A avaliação não deve ser limitada dentro do processo ensino-aprendizagem, segundo Landshere²⁰

¹⁹ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo. EPU, 1986. op. c. p. 35.

²⁰ MARTINS, José do Prado. Didática Geral. (Landsheere (1976:254). Editora Atlas S.A. 1988 p. 162.

"...Seja qual for, a avaliação formativa tem por único fim reconhecer onde é e em que o aluno sente dificuldade e procurar informá-lo. esta avaliação não se traduz em nota, nem muito menos em scores. Trata-se de um Feedback para o aluno e para o professor".

No processo avaliativo é importante analisar os aspectos culturais, sociais e político das estruturas da sociedade, vendo o lado psicológico sócio-econômico e individual de cada aluno. Sendo assim, "a avaliação" deve estar ligada ao projeto educativo.

..."O projeto educativo desenvolvido na escola deve ter como premissa básica o alcance de objetivos que correspondam aos interesses e necessidades dos alunos, garantindo-lhes instrumentos que possibilitem o acesso aos conhecimentos necessários à formação de uma consciência crítica, que os liberte da fragilidade e impotência diante do poder e da dominação..."²¹

Nesse sentido, o professor que faz a opção da educação transformadora, não está comprometido com a transmissão de conteúdos mas consciente da importância política no ato de ensinar.

Entretanto, na medida em que o professor avalia o aluno, está também se avaliando, no sentido de que a medida que o professor percebe que os alunos estão assimilando os conteúdos automaticamente os seus objetivos foram alcançados, essa "impressão" será confirmada nos resultados das provas, testes etc. Nessa perspectiva, tentamos avaliar os nossos alunos. (ver anexo 6)

A questão da auto-avaliação é problematizadora porque requer um momento de reflexão para ambos, professor-aluno, e que o resultado dessas auto-avaliações sirvam para a redefinição e reorientação para o

²¹ KENSKI, Vani Moreira. "Avaliação da aprendizagem". In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (coord.). Repensando a didática., 10ª ed., Campinas, São Paulo: Papirus, 1995, p. 136.

caminho do processo de ensino-aprendizagem. Na abordagem sócio-cultural ²²"...*A verdadeira avaliação do processo consiste na auto-avaliação e/ou avaliação mútua e permanente da prática educativa por professor e alunos...*" segundo Freire ... "*A avaliação é da prática educativa e não de um pedaço dela...*"

A avaliação envolve todos os componentes que forma a Escola, como uma vasta "rede", atinge todos, inclusive o professor. Os alunos, esses mais do que ninguém são avaliados por todos, diretores, pessoas ligadas a administração da Escola, etc. Até os próprios alunos se avaliam entre si, comparando-os seus exercícios m busca da comparação de suas notas. Além do mais

... "O professor é avaliado sob diferentes critérios que vão desde sua aparência pessoal até as duas atividades frente a turma ou sua relação, em termos de conhecimento, com a matéria que ensina..."²³

Portanto, a avaliação segue mesmo como um "jogo", devido as próprias regras que a Escola determina como uma das suas funções. Certamente essas "regras" tem cunho controlador no que muitas vezes pode até abusar, acarretando assim conseqüências preocupantes para todos, inclusive aos próprios alunos. Os mais atingidos sem dúvida nesse processo são os alunos, tanto nas suas atividades escolares como no seu comportamento dentro da Escola, resultando muitas vezes na evasão escolar.²⁴

No que se refere a nossa experiência sobre o processo avaliativo na Escola Estadual de Bodocongó, foram feitas a partir da execução das atividades escolares dos alunos: produção de textos, exercícios e provas (ver anexo 6). Esses procedimentos foram utilizados para as turmas de 1º e 2º graus. É interessante que o professor não só busque os objetivos a partir do

²² MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

²³ KENSKI, Vani Moreira. "Avaliação da aprendizagem". In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (coord.). Repensando a didática. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995, p. 133.

²⁴ PATTO, Mª H. J. A criança na Escola Pública: Deficiente, diferente ou mal trabalhada? In: revendo a proposta de alfabetização. São Paulo: SE/CENP, 1985.

projeto da escola, mas que busque os objetivos particulares de sua disciplina, no sentido de atender as necessidades e expectativas de seus alunos. Nesse sentido, é conveniente, relatar um fato relacionado com avaliação na turma B do 2º grau. Todos os alunos sem exceção, estavam com uma das notas abaixo da nota 3, colocada pela professora regente. Essa nota distoava de todas as outras notas obtidas pelos alunos, a turma nos pediu que uma das nossas notas do bimestre, fosse para a recuperação da nota baixa, atendemos e a nota foi reavaliada.

De um modo geral, percebemos que os alunos das duas turmas, tanto do 1º grau e 2º grau, conseguiram apesar de pouco tempo, desenvolverem um satisfatório avanço no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao término desse trabalho, fica a gratificação de realizá-lo não como um resultado só meu, mas, com a participação de todos que integraram o processo do estágio supervisionado.

Fica claro que diante das dificuldades que me assistiram, procurei continuar e ultrapassar esses obstáculos, e cumprir a contento as atividades no campo de estágio. Buscando assim atingir o meu objetivo de preparar-me bem para a minha formação profissional.

As minhas experiências como estagiária na Escola Pública colocaram-me ao par do contexto escolar. Primeiramente, percebi sensivelmente os problemas constatados numa realidade escolar que não só atinge os profissionais da educação mas suas atividades educativas, mas os alunos que estão ali para serem reconhecidos como valores que precisam ser descobertos e conduzidos a educação. Cabe ao professor ter habilidades para escolher caminhos e soluções para os mesmos.

Sem dúvida, é preciso refletir sobre o ensino público, e analisar criticamente sobre a política educacional desse País que afeta todo o sistema escolar.

Diante da realidade do ensino público, é pertinente aos profissionais da área da educação, rever suas práticas e crenças e investir mais na relação professor-aluno alcançando assim um bom desempenho no processo de ensino-aprendizagem.

No que concluo as minhas considerações com relação ao meu trabalho, com certeza de que **APRENDER** é **SABER** sempre recomeçar.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

1. KEMP, Ienold E. Planejamento de ensino: Planejamento de Ensino: um plano para desenvolvimento de unidades e cursos; tradução de Maria João Pereira Cabral. Livros Técnicos e Científicos, 1977. Rio de Janeiro.
2. KENSKI, Vani Moreira. "Avaliação da Aprendizagem. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (coord.). Repensando a didática, 10ª ed., Campinas, São Paulo, Papirus, 1995, p.
3. MARTINS, José do Prado. Didática Geral. (Landsheire; 1976:25). Editora Atlas, S.A., 1988.
4. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo, EPU, 1986.
5. PATTO, Mª H. S. A criança na Escola Pública: Deficiente, diferente ou mal trabalhada? In: revendo a proposta de alfabetização. São Paulo, SE/CENP, 1985.

A N E X O S

ANEXO I

TEXTOS

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

5ª SÉRIE

1º GRAU

TURMA: B

DATA: 21/10/96

A Expansão Territorial

Em 1500 o Brasil era um vasto território desconhecido, com grandes extensões de terra, totalmente habitado pelos nativos,, chamados de índios.

Antes do “descobrimento”, em 1494, Portugal e Espanha assinaram um acordo chamado Tratado de Tordesilhas, que estabelecia que: todas as terras descobertas a leste do Meridiano de Tordesilhas, seriam portuguesas, e as terras localizadas a oeste, seriam da Espanha. Se o Tratado tivesse sido respeitado até hoje, o Brasil não seriam um país tão vasto quanto o é.

A Expansão territorial deve ser entendida como o processo de ocupação das terras brasileiras, pela explorações feitas pelos portugueses.

Várias foram as formas de penetrações para o interior por parte do Português. Duas se destacaram no período colonial: As Entradas e as Bandeiras. As Entradas eram expedições organizadas pelo governo de Portugal, que partindo do litoral,, entravam pelo interior chamado sertão, a fim de descobrir metais preciosos, como ouro e prata, além de pedras preciosas, para o Rei de Portugal. As Bandeiras, eram expedições organizadas pelo governo de Portugal, que partindo do litoral,, entravam pelo interior chamado sertão, a fim de descobrir metais preciosos,, como ouro e prata, além de pedras preciosas, para o Rei de Portugal. As Bandeiras, eram expedições

particulares, que saíam da Capitania de São Vicente, no atual Estado de São Paulo, com o fim de caçar índios para escravizá-los, e descobrir metais e pedras preciosas.

As Entradas e Bandeiras praticamente se constituíram em movimentos de penetração, onde deu-se início ao conhecimento do território,, em seu interior, abrindo caminhos e conhecendo índios. As entradas eram formadas por empregados do Rei e as bandeiras formadas por portugueses,, mestiços e índios escravos, que serviam de guia para os Senhores.

Normalmente as bandeiras criaram problemas para os Jesuítas. Responsáveis pela catequese dos índios, esses padres, cuidavam dos índios aqui no Brasil. Reuniam eles em aldeamento, chamadas missões, em que os índios dividiam o tempo dedicando-se a lavoura, cultivavam legumes, frutas e ervas. Além dos trabalhos, havia hora para estudar, rezar e fazer orações. Portanto, os bandeirantes sempre queriam aprisionar os índios de aldeia para vendê-los como escravos aos senhores de engenho.

É bom não esquecer que o lugar mais ocupado pelo português foi a costa brasileira. Esse foi o primeiro espaço ocupado,, trabalhando a administração de engenhos e mais tarde na criação de gado.

De 1500 até 1700 os índios mandavam no interior do Nordeste atual. Essa vastidão territorial era desconhecida dos portugueses, que só começaram a conhecer quando os holandeses invadiram em Pernambuco, no volta de 1624.

O que fez o homem penetrar para o interior foi a criação de gado.

Com o passar dos anos, após o início do plantio da cana-de-açúcar,, foi o aumento da vinda de escravos para o Brasil, sob comando da Coroa Portuguesa, que ganhava muito com os impostos cobrados aos traficantes.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROF^a

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

5ª Série

Turma: D

Turno: Tarde.

DATA: 29/10/96

A MINERAÇÃO

Após a entrada para o interior do Brasil - expansão territorial - a Colônia descobriu uma nova fonte econômica: o ouro e os diamantes. Estes minérios serviram para complementar e/ou dar uma nova alternativa de exploração do Brasil já que a cana de açúcar vinha entrando em decadência devido a concorrência de outros países.

O Governo de Portugal sempre procurou manter o controle sobre a exploração dos minérios na Colônia. A principal medida foi a cobrança de altos impostos. Quem encontrasse ouro ou diamante tinha que dar um quinto de imposto; causa de muita revolta,, descontentamento e contrabando.

Houve uma grande transformação na sociedade,, pois imigrantes, principalmente de Portugal, vieram para explorar os minérios brasileiros; com esta imigração houve um aumento considerável do comércio e,, uma maior integração regional, principalmente, graças aos tropeiros que viajaram de região para região levando mercadorias. Desta forma contribuiu também para criação de inúmeras cidades, principalmente próximo a grandes jazidas.

Um aumento das profissões liberais (advogados, farmacêuticos, barbeiros etc) foi possível durante este período de nossa história. Graças a esta “facilidade de ganhar dinheiro”, a mobilidade social foi possível, onde poderia se passar de uma classe social para outra somente devido o poder econômico de cada um.

Apenas a distinção entre brancos e negros é que não diminuiu;

pelo contrário,, na mineração as condições de trabalho dos negros eram piores que na atividade canavieira, como por exemplo: sua vida útil era de 5 anos devido as más condições de trabalho (em buracos alagados com água, sem ar circulando etc); isto proporcionou a origem de vários quilombos que lutavam pela liberdade dos negros.

Aconteceu, também, um florescimento intelectual na época, já que os filhos da elite foram estudar na Europa. Minas Gerais tornou-se um centro de produção artístico e cultural, tanto na arquitetura, quanto na música e na poesia.

GLOSSÁRIO

Exploração: desenvolvimento

Concorrência: competir

Imigrantes: pessoas que entram num local para viver nele (país)

Integração: ligação, união

Mobilidade: movimentação

social: grupo de pessoas com características parecidas

Decadência: declinar, falir:

Um-quinco: quinta parte de um todo

Tropeiros: pessoas agrupadas em viagem

Distinção: diferença.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: TARDE

AS REBELIÕES NATIVISTAS

Durante o século XVII, Portugal enfrentou dificuldades de ordem econômico-financeira e de administração da colônia brasileira. A escravidão dos índios e dos negros era um problema permanente. Estes fugiam ou se revoltavam, e esta era uma preocupação das elites da colônia.

Para solucionar as dificuldades, a Coroa iniciou uma série de reformas, visando controlar e centralizar a administração da colônia. Essas reformas provocaram disputas entre funcionários do governo e colonos, senhores de engenho e comerciantes, bandeirantes e jesuítas. Estas disputas foram chamadas de rebelião nativistas, que eram lutas para diminuir a opressão dos impostos e da administração portuguesa, aqui na colônia.

A Revolta de Beckman em 1684

Em 1684, os colonos do Maranhão revoltaram-se contra as autoridades portuguesas. Essa revolta tinha como motivo a dificuldade dos colonos em não possuir escravos para o trabalho na lavoura e a falta de produtos de consumo vindos da metrópole. Acontece que ambos eram caros e não havia dinheiro para comprar tais produtos e escravos. Os senhores não dispunham de dinheiro. A solução encontrada foi escravizar os índios das

missões dos padres jesuítas. Os colonos queriam os índios como escravos e os padres defendendo-os da escravidão. Nessa ocasião, a Coroa criou a Companhia do Comércio do Maranhão para fornecer escravos, bacalhau e azeite de oliva para os colonos. Acontece que a Companhia não cumpriu o trato. em 1684, Manuel Beckman, senhor de engenho, chefou uma revolta contra as autoridades da Companhia e dos padres. Os armazéns da Companhia foram ocupados, os jesuítas presos e o governador da capitania do Maranhão deposto. Manoel Beckman assumiu o governo, mas não conseguiu resolver os problemas dos colonos, provocando revolta destes. A Coroa mandou outro governador ao Maranhão, conseguindo sufocar a revolta. Beckman foi enforcado e os demais presos e deportados para Portugal.

A Guerra dos Mascates

Terminada a Revolta no Maranhão, em 1709 ocorreu a Guerra dos Mascates, em Pernambuco. Olinda era a principal cidade da Capitania de Pernambuco, onde moravam os senhores de engenho. Recife era o ponto que cresceu com a presença dos holandeses e os comerciantes ricos eram chamados de mascates pelos senhores de Olinda. A guerra se dá entre ambas as categorias da mesma elite. Mascate era nome dado aos comerciantes do Recife.

Os motivos da guerra dos mascates foram os seguintes:

Os senhores de engenho de Olinda sempre negociaram diretamente com a Coroa, sem intermédio dos comerciantes; as mudanças administrativas impostas pela Coroa mudaram as figuras do poder econômico na Colônia; os senhores de engenho ficaram mais pobres; o governador passou a morar no Recife, a situação piorou e principalmente quando o Recife se tornou vila em 1709, ficando independente de Olinda. No ano de 1810, houve tentativa de assassinar o governador, que fugiu para a Bahia. Com a chegada do novo governador em 1771, Felix Machado, a situação acalmou. Os chefes

do movimento de Olinda foram presos e enviados para Lisboa e seus bens confiscados. Ganhou a luta os comerciantes do Recife, que ganhou também por se tornar a sede da Capitania.

Guerra das Emboadas (1708 - 1709)

Emboaba foi o nome dado pelos sertanejos paulistas, pioneira descoberta das minas, aos recém-chegadas do litoral, de outras regiões do Brasil e aos novatos de Portugal, para as Minas Gerais.

A guerra começou quando os paulistas se acharam donos das minas, e por isso começaram as lutas entre eles. Mas no final os outros se uniram e expulsaram os paulistas.

Assim, os dois grupos rivais pediram auxílio à Coroa, que enviou novo governo e criou uma nova estrutura administrativa.

Bibliografia Consultada:

MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana. **História & Civilização, O Brasil Colonial**, Ed. Ática, São Paulo, 2ª Ed., São Paulo, 1995.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª GRAU: 1º TURMA: D TURNO: TARDE

AS REBELIÕES COLONIAIS

1. A Revolta de Felipe dos Santos (Vila Rica 1720).

Essa revolta deveu-se ao grande descontentamento da população das Minas, com o sistema de cobrança de impostos adotados pelo governo de Portugal, o Quinto. Chefiou essa revolta o fazendeiro chamado Felipe dos Santos que queria o fim das casas de fundição e o perdão incondicional dos devedores da Coroa. O Governo das Minas Gerais, O Conde de Assumar, prometeu resolver a situação, mais em vez disso, reprimiu violentamente, prendendo os revoltosos, incendiando suas casas, enforcando e esquartejando Felipe dos Santos.

2. A Inconfidência Mineira (Vila Rica - 1789)

Depois de 1750, a Rainha D. Maria I, proibiu o funcionamento de qualquer fábrica no Brasil. Todos os artigos que antes eram feitos aqui, mesmo em pequenas oficinas, passaram a vir de Portugal.

Neste mesmo período, o Governo português passou a exigir cem arrobas de ouro, imposto chamado Derrama, até daqueles que não eram mineradores. Essa cobrança era feita de forma violenta, pois soldados

invadiam as casas e obrigavam todas as pessoas pagarem uma parte da quantia devida.

Em Vila Rica,, um grupo de pessoas se reuniam secretamente para planejar uma revolta contra Portugal, tornando-se independente do Brasil e a orientação de um Governo sob a forma de República. Tais pessoas, estudaram na Europa e entraram em contato com as idéias dos pensadores franceses. Joaquim da Silva Xavier, foi considerado o chefe da Revolta, tendo outros componentes importantes como Padres, Juizes, Advogados, etc. Porém um deles, chamado Silvério dos Reis, traiu os planos dos revoltosos,, sendo Tiradentes e outros presos, como Tomás Antonio Gonzaga, Claudino Manuel da Costa e o Conêgo Luís Vieira, considerado ideólogos.

3. A Conjuração Baiana (Bahia - 1798)

A Conjuração Baiana foi motivada, principalmente pela situação de pobreza em que vivia grande parte da população da Bahia e pelo desejo de liberdade, igualdade e independência de numerosas pessoas da Bahia. Os revolucionários pretendiam proclamar a Independência, criar uma República no Brasil, acabar com a escravidão e conseguir melhores condições de vida para todo o povo. A Conjuração Baiana foi também conhecida como revolta dos Alfaiates, pois estes participavam em grande número. Foi denunciado por um de seus participantes, José da Veiga. Alguns revolucionários conseguiram escapar, outros foram presos e processados, sendo quatro deles enforcados para dar exemplo. Os membros da Elite da sociedade que participaram da Conjuração foram absolvidos.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

TURNO: NOITE

HORÁRIO: 20:30hs

ALUNO(A): _____

DATA: 13/10/96

Costumes da Sociedade Paraibana

No século XVII a Capitania da Paraíba encontrava-se pouco povoada, pois assim como no restante do Brasil não havia pessoas de Portugal disposta a vir para cá. Os portugueses ao chegarem usavam de todas as maneiras para obrigar o índio a arar a terra. Tal medida não funcionou, diante da resistência dos mesmos, a Coroa portuguesa percebendo que não conseguia escravizá-los implantou a escravidão negra porque o europeu se adjectivou como uma raça superior, as demais serviam submissas - meio de solucionar a exploração (trabalho) não capitânicas.

Na Paraíba não aconteceu diferente das demais capitânicas, os negros eram capturados na África e trazidos nos porões de navios para trabalhar na lavoura canavieira, trabalhavam exaustivamente nas plantações ou na pecuária, cultivavam além da cana de açúcar, o milho, a mandioca e o feijão em pequenas quantidades para subsistência dos senhores - eram mal alimentados e estavam submetidas a maus tratos.

Quanto a formação da sociedade paraibana, a situação não é diferente do restante do Brasil; a terra paraibana vai sendo ocupada, as famílias vão se formando, uma vez que no início de sua sociedade fluíam para as capitânicas homens - em sua maioria solteiros - que uniam-se aos índios

continuando a mestiçagem que distingue o Brasil. Era uma família patriarcal, onde o fator família exercia sobre a mulher e filhos um poder de mando quase que absoluto, As mulheres viviam praticamente reclusas, quando saiam, eram cobertas e carregadas em uma rede para serem vistas somente pelas amigas a quem pediam licença para visitar.

Os casamentos paraibanos eram acertados na sua grande maioria entre os pais dos noivos que geralmente só se viam ao pé do altar.

A sociedade era predominantemente masculina os homens desde cedo tinham liberdades: farras, conversas em tavernas com bebidas etc.

As moças só deixavam o domínio paterno para se submeter ao marido, viviam para rezar e obedecer.

Era assim a vida na Capitania da Paraíba, onde muito costumes sobrevivem ainda hoje no estado. A escravidão foi extinta, mas o latifúndio permanece, o patriarcalismo diminuiu, mas a submissão ainda é bastante significativa.

Analisando o exposto você acha que atualmente presenciamos mudanças substanciais na nossa sociedade (paraibana)?

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

TURNO: NOITE

HORÁRIO: 20:30hs

ALUNO(A): _____

O DECLÍNIO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA

A colonização paraibana teve início com a agricultura canavieira que representou a principal força econômica, cujo escravo possibilitou seu desenvolvimento. O gado foi introduzido nos engenhos de açúcar para ser usado como fonte energética, meio de transporte e provisão alimentar. Embora nas primitivas fazendas sertanejas tenha ocorrido a utilização de mão-de-obra indígena e mameluca, o trabalho do negro não foi omissos no criatório, nos tempos coloniais.

O algodão foi outro produto integrante da economia paraibana colonial, sua cultura teve o apogeu quando a Inglaterra passou a importar algodão em grande quantidade.

Ao romper a segunda metade do século XIX, as perspectivas para o açúcar no mercado externo eram sombrias, pois a procura pelo açúcar de beterraba europeu tornava-se cada vez mais crescente. Enquanto diminuía a rentabilidade do açúcar, o algodão tornava-se a principal fonte de renda da Paraíba. Sendo a lavoura algodoeira de curto ciclo vegetativo não era vantajoso manter o braço escravo durante todo o ano. Além disso houve grande elevação do preço do escravo em 1850 (ocasionada pela proibição do tráfico negreiro) e os fazendeiros passaram a utilizar mão-de-obra livre, uma vez que, com as restrições ao tráfico e posterior abolição, as contribuições

para a venda de grande parte da população escrava para os cafezais do Sul; o número de escravos diminuiu e a quantidade de trabalhadores livres aumentou na Paraíba.

Como podemos observar, os diversos ciclos econômicos paraibanos na 2ª metade do século XIX - enfrentaram adversidades de ordem externa e interna; como retração de mercado, falta de captais, de infraestrutura e condições climáticas desfavoráveis.

Até a abolição da escravidão em 1888, há a participação de mão-de-obra escrava nos diferentes tipos de economia, na Paraíba.

Entre os fatores que contribuíram para o declínio da escravidão na Paraíba, destacaram-se a proibição do tráfico internacional (1850) e o escoamento de escravos para a lavoura cafeeira do Centro-Sul. A supressão do comércio de escravos africanos foi o primeiro grande passo para a decadência da escravidão brasileira, uma vez que interceptou a grande fonte de abastecimento da mão-de-obra cativa.

Todavia, o cerceamento do comércio negreiro coincidiu com a fase de expansão da lavoura cafeeira. Muitos senhores de escravos endividados e atraídos pelo elevado valor do escravo na zona cafeeira venderam-se aos mercados sulinos. Começou então o grande fluxo migratório de escravos do Nordeste, inclusive da Paraíba, para o Centro-Sul do país. As epidemias, as manumissões e as pressões criadas pelo movimento abolicionista também contribuíram para a redução da população cativa. Mas a eliminação total da instituição servil resultou das pressões criadas pelo movimento abolicionista, cujas primeiras manifestações ocorreram no interior paraibano (1860) e depois na Capital.

Este texto é uma adaptação da seguinte bibliografia.

BIBLIOGRAFIA

JUSTINO, Maria das Graças - O Declínio da Escravidão na Paraíba in -
Produção de textos de História da Paraíba. Recursos Didáticos no Ensino da
História no 2º Grau. Coorde. e Org. Profa. Eronides Câmara Donato - UEPB -
Campina Grande - 1993.

ANEXO I I
ESQUEMAS

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª GRAU: 1º TURMA: D TURNO: TARDE

ESQUEMA

TEMA: SOCIEDADE AÇUCAREIRA

1. ENGENHO COLONIAL | moenda, a casa das caldeiras, a casa de
| purgar.

1.1 CASA GRANDE | residência Senhor, grande espaço com vista para
| todo movimento do Engenho.

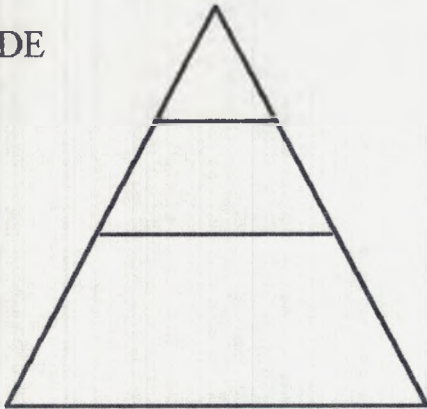
1.2 A SENZALA | morada dos Escravos, feita de barro e galhos, escura,
| com poucos cômodos, todos escravos viviam juntos

1.3 A CAPELA | Local das missas, batizados, casamentos e entêrros, nos
| domingos os Senhores de Engenho trocavam ideias entre
| sí.

2. GRUPOS SOCIAIS | Havia dois grupos importantes na Sociedade
| açucareira. Senhores e Escravos. E havia outra parte
| da sociedade colonial: os trabalhadores livres mas,
| dominados pelos senhores

FEITOR | controlava o Trabalho Escravo

PIRÂMIDE
SOCIAL



Proprietário

Trab. Livres

Escravos - a maior parte era
composta pelos escravos

3. A SOCIEDADE COLONIAL AÇUCAREIRA

era uma sociedade escravista, rural e patriarcal, era comuns as misturas entre brancos, negros e índios dando origem aos diversos tipos mestiços: mulato, cafuso (negro x índio) e mameluco (índio x branco)

4. O TRABALHO ESCRAVO

Os escravos faziam quase todo o trabalho cortavam as canas, as escravas enfeixavam e levavam os feixes de cana nos canis de lá até a moenda.

4.1 A MOENDA (era feita de 3 cilindros de roda de madeira) a cana era moída e extraído o caldo, depois ia para a casa das caldeiras.

4.2 CASA DAS CALDEIRAS O caldo de cana era colocado em grandes tachos de cobre para ser cozido. Os escravos mexiam o caldo até retirar a espuma que se formava na superfície e obtinha-se o mel (melado) grosso, que era colocado nas formas de barro e transportado para a casa de purgar.

4.3 TÉCNICA USADA o melado permanecia três dias até se transformar em açúcar, ou seja transformava-se em um bloco duro: O PÃO DE AÇÚCAR

4.4 GALPÕES

os pães de açúcar eram quebrados e reduzidos a pó, e postos a secar no sol em grandes caixas e depois de encaixotados, eram levados pelos escravos ou carros de boi até as praias para ser levados nas embarcações (navios) para Europa.

Em fim toda a produção do açúcar era vendido na Europa

Portugal

e Holanda

é que tinham

lucros.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

TURNO: NOITE

HORÁRIO: 20:50hs

DATA: 31/10/96

ESQUEMA

TEMA: O trabalho escravo no período colonial (séc. XVI-XVII)

1) Período de conquista

O negro fazia parte das expedições
(O negro já estava na “Ativa”)

2) O “Soldado” escravo

(“o escravo-soldado”)

Arma de combate dos colonizadores,,
contra os índios

Era o negro como “soldado” na luta de
conquista. (isso mostra,, outra forma
de exploração da mão-de-obra
escrava. (O soldado agora vai ser
força de trabalho)

3) Tentativa de mão-de-obra Indígena

Índio não é adaptado para ser
escravizado

4) Implantação da escravidão negra.

- Força de trabalho utilizada pelo colonizador
- necessidade de suprir o trabalho
- mão-de-obra gratuita.

5) Mão-de-Obra escrava

“Peça” importante para o latifundiário
(porque toda a economia paraibana
dependia da mão-de-obra escrava)

6) Economia Paraibana: Lavoura Canavieira

Após 1630 - produção açucareira crescente - 18 Engenhos

Obs.: 1634: a Paraíba era governada por Antônio d'Albuquerque

7) **ESTRUTURA AGRÁRIA DA PARAÍBA** - (igual a todo o Brasil
colônia)
(tripé Econômico)

Monocultura, latifúndio, mão-de-obra escrava.

Desta maneira o elemento negro chega a Paraíba, participando do processo de conquista da Capitania, juntamente com colonos portugueses, abrindo novos caminhos para a exploração de novas terras,, sendo utilizado como mão-de-obra na lavoura canavieira e também nos serviços domésticos, além de outras funções como na construção de Igrejas, conventos, cidades etc.

Enfim,, a presença da mão-de-obra escrava na lavoura canavieira paraibana, significa a presença da mesma em todos os setores econômicos da Capitania no período de colonização.

- Capitão mor da Paraíba Frutuoso Barbosa

Em 1634 - já era governada por Antônio d'Albuquerque

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

TURNO: NOITE

HORÁRIO: 20:50hs

DATA: 07/11/96

ESQUEMA

TEMA: O Declínio da Escravidão na Paraíba

1) Séc. XIX

↓ Há declínio na produção açucareira ↑ Aumento do algodão (principal fonte de renda)
Causa: açúcar de beterraba Europeu. Com a importação feita pela Inglaterra

2) Algodão { ciclo de pouca duração

{ não era vantagem, manter a mão-de-obra escrava durante todo o ano

{ Causa: para a utilização da mão-de-obra livre

3) Expansão da Lavoura Cafeeira

- contribui para a migração dos escravos do Nordeste, principalmente na Paraíba

4) Fatores que contribuíram para o declínio da escravidão

- Proibição do tráfico internacional (1850)
- EMIGRAÇÃO DE ESCRAVOS para a Região do Centro-Sul.

- **SUSPENSÃO DO COMÉRCIO de escravos Africanos** → foi o 1º grande passo para a decadência da escravidão brasileira, porque interceptou a grande fonte de abastecimento da mão-de-obra
- As epidemias, as manumissões
- **MOVIMENTOS ABOLICIONISTAS.**
 - Abolição da Escravatura (1888) (Contribui para a redução da população cativa, com as pressões criadas pelo movimento)

(Outro fator para a diminuição do escravo)



VENDA DE ESCRAVOS PARA OS CAFEZAIS DO SUL

- Diminuição de escravos
- Aumento de trabalhadores livres

Obs.: O Cerceamento do comércio negroiro

Coincidiu com a fase de expansão da lavoura cafeeira

- As primeiras manifestações abolicionistas ocorreram no interior da Paraíba depois aconteceu na Capital (João Pessoa). Em 1860.

ANEXO III
PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: Tarde

HORÁRIO: 13:05hs

DATA: 15/10/96

PLANO DE AULA

1 **TEMA:** A sociedade Açucareira

2 **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** Caracterizar a sociedade colonial açucararia e discutir o processo de exploração da mão-de-obra escrava, enfocando porque o Brasil de hoje é formado por um grande número de mestiços.

3 **CONTEÚDO:**

- O Engenho enquanto grande fazenda, produtor de açúcar
- Os Senhores e Escravos
- A miscigenação no Brasil

4 **METODOLOGIA:** Aula expositiva dialogada, utilização de esquema.

5 **RECURSOS DIDÁTICOS:** Quadro para giz. Exercícios escritos em sala

6 AVALIAÇÃO: Resolução dos exercícios aplicados.

7 BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História do Brasil. Vol. I. Editora FTD, S. Paulo.

PILETTI, Nelson e CLAUDINO - História "Vida. Vol. I. Editora Ática, 4ª ed.
São Paulo, 1991.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. 1ª ed. Editora
Moderna, 1982.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: Tarde

HORÁRIO: 13:05hs

DATA: 21/10/96

PLANO DE AULA

1 TEMA: A Expansão Territorial

- 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
- Discutir a expansão territorial brasileira,, a partir do receio que os portugueses tinham de perder a sua colônia da exploração.
 - Saber como foi feito o tratado de Tordesilhas
 - Compreender a catequização feita aos índios pelos Jesuítas
 - Diferenciar as Entradas e bandeiras

- 3 CONTEÚDO:
- A Expansão territorial
 - O tratado de Tordesilhas
 - Os Jesuítas
 - Entradas e Bandeiras

4 METODOLOGIA: Aula expositiva dialogada, exercícios propostos em sala de aula.

5 RECURSOS DIDÁTICOS: mapa,, texto mimeografado, quadro para giz.

6 AVALIAÇÃO: Exercícios escrito, desempenho satisfatório em sala de aula.

7 BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História do Brasil. Vol. I. Editora FTD, S. Paulo.
PILETTI, Nelson e CLAUDINO - História "Vida. Brasil: da Pré-História à Independência, 7ª Ed. Vol. I. Ática, 1994.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: Tarde

HORÁRIO: 13:05hs

DATA: 29/10/96

PLANO DE AULA

1 **TEMA:** A Mineração - Séc. XVII a XVIII

2 **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Analisar a participação de grupos sociais na atividade mineradora
- Discutir que mudanças sociais aconteceram na população na época do ciclo do ouro.
- Refletir sobre os aspectos sociais e culturais da sociedade mineradora.

3 **CONTEÚDO:**

- Grupos sociais na economia
- Atividades do ciclo do ouro.
- Mobilidade social
- Manifestações artísticas culturais.

4 **METODOLOGIA:** Aula expositiva dialogada, utilização de esquema.

5 RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro para giz, texto mimeografado.

6 AVALIAÇÃO: Exercícios oral e escrito, desempenho satisfatório em sala de aula.

7 BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História do Brasil. Vol. I. Editora FTD, S. Paulo.

PILETTI, Nelson e CLAUDINO - História "Vida. 4ª Ed. Editora Ática, Vol. I. Ática, 1994.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. 1ª ed. Editora Moderna, 1982.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: Tarde

HORÁRIO: 13:05hs

DATA: 04 e 05/11/96

PLANO DE AULA

A MINERAÇÃO

TEMA: Revisão de conteúdo de duas aulas

TÍTULO: A Mineração

2 OBJETIVO ESPECÍFICO: Trabalhar o aprendizado sobre o conteúdo estudado.

3 CONTEÚDO:

- Atividades do ciclo do ouro
- Mobilidade social
- Manifestações artísticas culturais

4 METODOLOGIA: Apresentação de Slides, para fixação de aprendizagem do conteúdo.

5 AVALIAÇÃO: Questionamentos dos alunos em sala de aula.

7 BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História do Brasil. Vol. I. Editora FTD, S. Paulo.

PILETTI, Nelson e CLAUDINO - História "Vida. 4ª Ed. Vol. I, São Paulo:
Ática, 1994.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. 1ª ed. Editora
Moderna, 1982.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: Tarde

HORÁRIO: 13:05hs

DATA: 11/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: As Rebeliões Coloniais.

TÍTULO: Os Movimentos nativistas

- 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**
- Discutir a reação da Colônia frente as cobranças de alta impostas pela coisa portuguesa.
 - Refletir sobre a revolta dos Colonos do Maranhão contra os padres Jesuítas.
 - Identificar as causas de discordia entre os comerciantes de Recife e os Senhores de Engenho de Olinda.
 - Entender os combates travados pelos sertanejos paulistas e colonos de outras regiões na exploração das minas.

3 CONTEÚDO: • Rebeliões Coloniais

- A Revolta de Beckman (1684)
- A Guerra dos Mascates
- A Guerra dos Emboabas

4 METODOLOGIA: Aula expositiva dialogada, utilização de esquema.

5 RECURSOS DIDÁTICOS: Texto mimeografado,, quadro para giz, mapa.

6 AVALIAÇÃO: interesse dos alunos, exercícios oral e escrito.

7 BIBLIOGRAFIA:

MOTA, Carlos Guilherme "LOPES, Adriano. História "Civilização, o Brasil Colonial, Ed. Ática, São Paulo, 2ª ed. São Paulo, 1995.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. 1ª ed. Editora Moderna, 1982.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª

GRAU: 1º

TURMA: D

TURNO: Tarde - HORÁRIO: 13:05hs

DATA: 18/11/96

PLANO DE AULA P/DUAS AULAS

1 **TEMA:** As Rebeliões Coloniais.

2 **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Discutir a reação da população sobre os altos impostos cobrados pela Corôa Portuguesa.
- Refletir sobre a conspiração que ocorreu em Minas Gerais, que tinha como principal objetivo: Livrar-se da dominação Portuguesa.
- Identificar as causas da insatisfação popular, que aumentava cada vez mais em Salvador no final do Séc. XVIII

3 **CONTEÚDO:**

- A Revolta de Felipe dos Santos
- Inconfidência Mineira.
- Conjuração Baiana.

4 METODOLOGIA: Aula expositiva dialogada, utilização de esquema.

5 RECURSOS DIDÁTICOS: Texto mimeografado, quadro para giz.

6 AVALIAÇÃO: Questionamentos e exercícios escritos.

7 BIBLIOGRAFIA:

MOTA, Carlos Guilherme "LOPEZ, Adriana. História "Civilização, O Brasil Colonial, Ed. Ática, S. Paulo: 2ª ed. S. Paulo, 1993.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. 1ª ed. Editora Moderna, 1982.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

TURNO: NOITE

HORÁRIO: 20:50hs

DATA: 31/10/96

PLANO DE AULA

1) Tema: O trabalho escravo no período Colonial Paraibano

2) Objetivos específicos:

- Entender a participação do negro no processo de conquista da Paraíba
- Refletir sobre a preferência dos portugueses sobre a mão-de-obra escrava na lavoura canavieira.

3) Conteúdo:

- Escravo e o Colonizador
- Sociedade escravocrata
- Economia Paraibana

4) Metodologia: Aula expositiva dialogada

5) Recursos didáticos: quadro para giz,, texto mimeografado

6) Avaliação: Exercícios aplicados, participação dos alunos.

7) BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Horácio de: História da Paraíba,, 2ª Ed. João Pessoa: Ed.
Universitária,UFPB, 1978. V. I

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

TURNO: NOITE

HORÁRIO: 20:50hs

DATA: 07/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: O Declínio da Escravidão na Paraíba

- 1) **Objetivos Específicos:**
 - Entender que fatores, contribuíram para o enfraquecimento do trabalho escravo, na economia colonial Paraibana.
 - Refletir sobre a proibição do tráfico negreiro internacional, que interceptou a grande força da mão-de-obra escrava, nos diferentes tipos de economia.

- 2) **Conteúdo:**
 - Economia Paraibana
 - Comércio Nегreiro
 - Diversificação econômica

- 3) **Metodologia:** Aula expositiva dialogada,, utilização de esquema

- 4) **Recursos didáticos:** quadro para giz, texto mimeografado.

5) Avaliação: participação dos alunos

6) BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. 2ª ed., João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1978. V. I.

PLANO DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª GRAU: 2º TURMA: B

TURNO: NOITE HORÁRIO: 20:30hs

DATA: 13/11/96

PLANO DE AULA

TEMA: Revisão de Conteúdo de uma aula

TÍTULO: O Declínio da Escravidão na Paraíba

1 **Objetivo Específico:** trabalhar o aprendizado sobre o conteúdo estudado

2 **Conteúdo:**

- Economia Paraibana
- Comércio Negroiro
- Diversificação econômica

3 **Metodologia:** Aplicação de exercício.

4 **Avaliação:** Questionamentos dos alunos em sala de aula, e resolução dos exercícios aplicados.

5 BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba, 2ª ed. João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB, 1978. V. I

ANEXO IV

PLANO DE UNIDADE

PLANO DE UNIDADE

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR
VELOSO DA SILVEIRA**

DISCIPLINA: História do Brasil

ESTAGIÁRIA: Célia Jean Diniz Souto Maior

ORIENTADORA: Eronides Câmara Donato

SÉRIE: 5ª GRAU: 1º TURMA: D TURNO: Tarde

UNIDADE: 4 NÚMEROS DE ALUNOS: 39

PLANO DE UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir o processo de expansão e exploração dos colonizadores portugueses e analisar a sua influência nos aspectos sociais, culturais, políticos e religiosos do Brasil-Colônia.
- Refletir sobre as formas de atuação dos conquistadores europeus e perceber como se davam as relações entre os vários grupos sociais.
- Analisar a estruturação e o processo de transição da sociedade colonial; a organização, economia, administração, o cultural, e a sua decadência.

- Debater as diferentes formas de resistência da sociedade colonial e a sua luta pela liberdade.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:

1) Expansão territorial

1.1 - Entradas e Bandeiras

2) Atividades Missionárias

1.2 - O povoamento

3) A Mineração

2.1 - Sociedade Mineradora

2.2 - Outras sociedades

2.3 - Senhores e Escravos

3) Movimentos Nativistas

3.1 - Revolta de Beckman

3.2 - Guerra dos Emboabas

3.3 - Guerra dos Mascates

3.4 - Libertação Colonial

3.5 - Inconfidência Mineira

3.6 - Conjuração Bahiana

4) A vinda da Família Real

4.1 - Mudanças Econômicas

4.2 - A Independência

METODOLOGIA:

- Aula expositiva dialogada, utilização de esquema, mapas, cartazes, slides, exercícios oral e escrito.

AVALIAÇÃO:

- Os alunos serão avaliados com atividades e questionamentos produção de textos e prova escrita.

BIBLIOGRAFIA:

- 1) JÚNIOR, Alfredo Boulos - História do Brasil. Vol. I Editora FTD - São Paulo.
- 2) PILETTI, Nelson e Claudino - História & Vida. Vol. I Editora Ática, 4ª ed. São Paulo.
- 3) SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. 5ª Série. São Paulo; Ed. Moderna, 1982.

PLANO DE UNIDADE

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR
VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: História do Brasil

ESTAGIÁRIA: Célia Jean Diniz Souto Maior

ORIENTADORA: Eronides Câmara Donato

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: Prof^ª
Eronides Câmara Donato

SÉRIE: 1ª GRAU: 2º TURMA "B" TURNO: noite

UNIDADES: 4 NÚMEROS DE ALUNOS: 40

PLANO DE UNIDADE

I - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre as formas de relações de poder na Paraíba do século XVIII ao século XX
- Discutir o quadro político e ideológico na Paraíba, em 1930.
- Discutir a evolução política e econômica da Paraíba na Segunda República.

II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- O trabalho escravo no período colonial paraibano.

- A decadência do Sistema Colonial
- O movimento de “30”
- Segunda República

III - METODOLOGIA

- Aula expositiva dialogada com apresentação de esquema e mapas.

IV - AVALIAÇÃO

- Os alunos serão avaliados pela participação e interesse demonstrados em sala de aula, e produção de textos e exercícios , escrito e oral, e provas.

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba - João Pessoa, 2ª ed. UFPB, 1978, 2 Vls. VI
2. FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. As Secas. Oligarquias e Cangaço. Revista Grão, nº 4. Ano I set/out/1985.
3. JOFFILY, Irineu, Notas sobre a Paraíba. Brasília, Thesaurus Editora, 1977.
4. JUSTINO, Maria das Graças - O Declínio da Escravidão na Paraíba in Produção de textos de História da Paraíba. Recursos Didáticos no Ensino da História no 2º Grau. Coord. e Org. Profª Eronides Câmara UEPB - Campina Grande - 1993.
5. OTÁVIO, José (org) A Paraíba, das Origens a Urbanização, João Pessoa, FCSA, 1983

ANEXO V

PLANOS DE ENSINO

PLANO DE ENSINO

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª GRAU: 1º TURMA: D TURNO: TARDE

UNIDADES: 4 NÚMERO DE ALUNOS: 39

PLANO DE ENSINO

OBJETIVO GERAL

- Discutir os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais do Brasil desde a Pré-História até a Independência, enfatizando como se procedeu as relações sociais entre os vários grupos sociais da época.

UNIDADE I:

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
- Compreender o estudo de História
 - Entender as formas da vida humana no período da Pré-História brasileira
 - Perceber a dimensão da cultura indígena no início da colonização, identificando as várias culturas de cada nação.

- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:
- As Fontes históricas
 - A Pré-histórica brasileira
 - Nação Indígenas.

UNIDADE II

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**
- Refletir sobre a descoberta do Brasil pelos Portugueses.
 - Discutir que fatores, levaram os Portugueses a colonizar o Brasil.
 - Perceber os efeitos da exploração Portuguesa sobre a vida dos nativos.

- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**
- A viagem de Cabral
 - Colônia de Exploração
 - Administração na Colônia

UNIDADE III

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**
- Discutir sobre a organização social da colônia questionando a relação existente entre os vários grupos sociais.
 - Refletir sobre as causas das lutas pela conquista do interior e o seu povoamento.
 - Compreender a influência da religião Católica no Brasil.

- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**
- Sociedade Colonial
 - Entradas e Bandeiras
 - O desempenho dos Jesuítas.

UNIDADE IV

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**
- Questionar as diversas formas de atuação do Colonizador Português, na conquista e exploração das terras.
 - Debater sobre as forma de resistência que

ocorreram em várias regiões brasileiras.

- Discutir as relações social e de trabalho entre Senhores e Escravos.
- Refletir e problematizar desde a estruturação da sociedade colonial, sua organização econômica, social, a administração, cultural etc. e sua decadência até o processo de libertação colonial.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: - Expansão Territorial
- Movimentos Nativistas
- Sociedade Escravocrata
- A Independência.

METODOLOGIA: Aula expositiva dialogada, quadro para giz, texto mimeografado, mapas, utilização de esquema, apresentação de cartazes, slides, Exercícios oral e escrito, provas escritas.

CRONOLOGIA DA DISCIPLINA:

dias de aula - segunda e terça-feira (13:05hs - 15hs)

março - 4 e 5, 11 e 12, 18 e 19, 25 e 26.

abril - 1 e 2, 8 e 9, 15 e 16, 22 e 23, 29 e 30.

maio - 6 e 7, 13 e 14, 20 e 21, 27 e 28.

junho - 3 e 4, 10 e 11, 17 e 18, 24 e 25.

julho - férias escolares

agosto - 5 e 6, 12 e 13, 19 e 20, 26 e 27.

setembro - 2 e 3, 9 e 10, 16 e 17, 23 e 24, 30.

outubro - 1, 7, 8, 14 e 15, 21 e 22, 28 e 29.

novembro - 4 e 5, 11 e 12, 18 e 19, 25 e 26.

dezembro - 4 e 5, 11 e 12 - Prova Final

Total - 72 aulas

BIBLIOGRAFIA

BOULOS JÚNIOR, Alfredo - História do Brasil. vol. I. Editora FTD - São Paulo.

PILETTI, Nelson e Claudino - História & Vida. Vol. I, Editora Ática, 4ª ed. São Paulo, 1991.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia - 1ª ed. Editora Moderna, 1982.

PLANO DE ENSINO

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR
VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: História do Brasil

ESTAGIÁRIA: Célia Jean Diniz Souto Maior

ORIENTADORA E COORDENADORA DE PRÁTICA DE
ENSINO:

PROFª: Eronides Câmara Donato

SÉRIE 1ª Grau: 2º Turma “B” Turno: Noite

UNIDADES: 4 Números de Alunos: 40

PLANO DE ENSINO

I - OBJETIVO GERAL

- Discutir os aspectos mais relevantes que caracterizam o processo de colonização da Paraíba, a partir do momento de sua ocupação até a época atual.

II - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o processo de conquista e ocupação das terras paraibanas pelos colonizadores portugueses no período colonial.
- Refletir sobre a Economia paraibana diante da decadência do sistema

colonial.

- Analisar as relações de poder e resistência no âmbito social, político e cultural da Paraíba no período de 1920 a 1930.
- Discutir a expansão urbanista e a questão agrária na Paraíba, a partir de 1930.

III - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade I

1. A Paraíba e o sistema Colonial

1.1 A Colonização Portuguesa na Capitania Paraibana

1.2 O Trabalho Escravo na Paraíba

1.3 A Economia Paraibana

Unidade II

2. Decadência do Sistema Colonial

2.1 A Paraíba e a Revolução de 1817

2.2 O movimento de 1930

Unidade III

3. Relações de Poder e Ideologia

3.1 O Cangaço

3.2 A Emancipação Política na Paraíba

Unidade IV

4. O Urbanismo e o Processo de Favelização

4.1 A Questão Agrária na Paraíba

4.2 Resistência a as Lutas Na Cidade e Campo

IV - METODOLOGIA

- Aula expositiva dialogada, pesquisa de textos em sala de aula e trabalhos em grupo.

V - RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro para giz, textos mimeografados e filmes

VI - AVALIAÇÃO

- Participação e interesse do aluno, demonstrado em sala de aula, produção de textos, exercícios escrito e oral, e provas.

CRONOLOGIA DAS AULAS

Dias de Aulas - 5^{as} feiras (20.30 hs)

Março - 7, 14, 21, 28

Abril - 4, 11, 18, 25

Maio - 2, 9, 16, 23, 30

Junho - 6, 13, 20, 27

Julho - Férias

Agosto - 1, 8, 15, 22, 29

setembro - 5, 12, 19, 26

Outubro - 3, 10, 17, 24, 31

Novembro - 7, 14, 21, 28

Dezembro - 5, 12

total 37 hs/aulas

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba - João Pessoa, 2ª ed. UFPB, 1978, 2 Vls. VI
2. FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. As Secas. Oligarquia e Cangaço. Revista Grão, nº 4. ano I set/out/1985.
3. JOFFILY, Irineu. Notas sobre a Paraíba. Brasília, Thesaurus Editora,, 1977.
4. JUSTINO, Maria das Graças. O Declínio da escravidão na Paraíba in produção de textos de história da Paraíba. Recursos didáticos no Ensino da História no 2º grau. Coord. e Org. Profª Eronides Câmara UEPB - Campina Grande - 1993.
5. OTÁVIO, José (org.) A Paraíba, das origens a Urbanização. João Pessoa, FCSPA, 1983.

ANEXO VI
EXERCÍCIOS

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

DATA: 21/10/96

Exercício

Escreva com suas palavras sobre o índio, o bandeirante a partir da seguinte pergunta.

1. Como era a vida dos indígenas nas missões jesuíticas.
2. Você considera o bandeirante,, um herói. Se acha que sim, ou se achar que não, explique porquê.

ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS ADELAR VELOSO DA SILVEIRA

Disciplina: História do Brasil

Profª: Analia

Estagiário: Célia Jean Diniz Souto Maior

Nome do Aluno: Satiana Almeida Pereira nº 36 Data: 21/10/96

- Exercício -

Escreva com suas palavras sobre o índio, o bandeirante a partir da seguinte pergunta.

- 1- Como era a vida das indígenas nas missões jesuíticas.
- 2- Você considera o bandeirante, um herói, Se acha que sim, explique ~~porque~~ ^{porque}. Se achar que não, explique porquê ~~porque~~.

Venderam Para. Pregar a religião os indígenas.
com os jesuítas ^{para ensinar} ~~mas~~ ^{que} ~~os~~ ^{estes} jesuítas
também Para ensinar, plantar, colher, etc.

ão, Porque eles ~~o~~ ^o ~~um~~ ^o ~~abrir~~ ^{abrir} ~~de~~ ^{de} ~~muros~~ ^{muros}
também ~~de~~ ^{de} ~~indios~~ ^{indios} ~~para~~ ^{para} ~~escrever~~ ^{escrever}
e ~~isso~~ ^{isso} ~~mão~~ ^{mão} ~~e~~ ^e ~~cento~~ ^{cento} ~~OK.~~ ^{OK.}

ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Disciplina: História do Brasil

Profª: Analia

Metagiário: Célia Jean Diniz Souto Maior

Nome do Aluno: Luciana Barreira da Silva Data: 21/10/96

- Exercício -

Escreva com suas palavras sobre o índio, o bandeirante a partir da seguinte pergunta.

1- Como era a vida dos indígenas nas missões jesuíticas.

Os padres jesuítas ensinaram a religião católica aos índios. Os padres ensinaram

2- Você considera o bandeirante, um herói, Se acha que sim, explique ~~porque~~ ^{porque}. Se achar que não, explique porquê ~~o~~.

1. muito isso índios em coleções

dos museus que eles têm que por

os museus com o culto dos santos

reduzidos etc. E também eles não vivem

no estado eles foram muitos anos

2. não - porque os bandeirantes

queriam índios para os seus

aldeias para venderem para os europeus

como escravos e também de engenho

ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Disciplina: História do Brasil

Profª: Analia

Estagiário: Célia Jean Diniz Souto Maior

Nome do Aluno: Simão Ferreira da Silva Data: 21/10/96

- Exercício -

Escreva com suas palavras sobre o índio, o bandeirante a partir da seguinte pergunta.

1- Como era a vida dos indígenas nas missões jesuíticas.

2- Você considera o bandeirante, um herói, Se acha que sim, explique ^{porque} Se achar que não, explique porque

O índio foi criado para ele ser os brancos os índios também descobriu metais e pedras, muitas pechecas, também no conhecimento do território, em seu interior, incluindo comendas e comendas índias o bandeirante que sempre queriam aprisionar os índios da aldeia que vivia lá para vendê-los como escravos de engenho

1. Como era a vida dos indígenas nas missões jesuíticas a vida indígena nas missões jesuíticas para servir Senhores hermalmente os bandeirantes tinham privilégios para os jesuítas.

2. não considero o bandeirante um herói, Se acha que sim explique porque. Se acha que não explique porque o bandeirante eu não acho um herói porque ele queria aprisionar os índios

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFª Amália

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

Série: 5ª

Grau: 1º

Turma: D

DATA: 21/10/96

Exercício de Aprendizagem

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

Aluno(a): Pollyana da Silva Nº 30

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A mineração no período do séc. 16 a 18.

Uma nova economia descobriu a colônia, que foi o diamante e o ouro, estas fontes econômicas serviram para uma nova estrutura.

A exploração do Brasil com a cama-de-leite, a concorrência ~~de~~ de outros países etc. A concorrência foi mais os principais impostos. Se encontrassem ouro ou diamante tinha que dar a metade do ouro ou do diamante, para os impostos. Era muita revolta e contrabando. Houve uma grande mudança na sociedade, tinha uns imigrantes que eles eram de Portugal. Os portugueses vinham explorar o ouro e o diamante.

Os tropeiros que viajam de região para região levam mercadoria.

Foi só isso que eu entendo porque eu não ~~ent~~ entendi o vídeo.

Só entendi o que eu entendo.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

Aluno(a): Bertran Velez de Oliveira

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

90
918

Na descoberta do ouro no Brasil mudou bastantes coisas começaram a fazer igrejas, e comecios de joias e brilhantes e ficou gerando mais empregos de mineiros o ouro foi muito importante para o mundo e começou a desenvolver rapidamente.

na época da mineração ouve muitas guerras e brigas por causa do ouro e do mundo.

Os mineiros trabalham para os Reis e também
a sociedade mineira dorá: ESCRAVOS, Senhores de Lavras
Homens Livres.

Cidades principais OURO PRETO, DIAMANTINA, São João dos REIS.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

Aluno(a): Waldemar Honório Flores, nº 11

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

Na descoberta do ouro aconteceram muitas mudanças como, muitas coisas importantes deram a esse período, como por exemplo houve uma grande transformação de sociedade, o comércio se desenvolveu mais, deram direito de privilégio para explorar os minérios descobertos, houve também muita exploração. Houve também uma prosperidade na qual época em que também o ouro ou diamante tinha que dar um quinto de imposto, aconteceram também as mudanças intelectuais na época, foi que os filhos da elite foram estudar na Europa, e uma ideia de renovação cultural, tanto arquitetura, quanto na música e no teatro. Assim foram as mudanças, durante o período da descoberta do ouro.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

Aluno(a): Valdenira Alves dos Santos nº 34

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

Foram importantes na época da descoberta do ouro e que estes mineiros diamante e ouro foram uma nova descoberta que aconteceu no Brasil, a partir desta descoberta surgiram muitas ^{mudanças} com o artesanato e o sapateiro

Houve uma grande transformação por que des tempos encontra-se uma mina de ouro teria que pagar imposto. Depois dessa descoberta o ~~se~~ negro trabalhava muito porque tinha que pegar o ouro em pó e levar para a casa de fundição para que o ouro em pó se transformasse em ouro em barra e a partir daí eles só queriam ouro em barra.

Ao levar o ouro para casa de fundição o negro teria que ir junto com os guardas porque eles tinham medo que o negro roubasse o ouro. Por isso qualquer um deles que roubasse o ouro e escorresse eles mandariam matar.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

Aluno(a): Numa de Fatima P. Silva

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A mudança que o ouro pode causar foram muitas, por exemplo como os imigrantes que vieram explorar os minérios.

- Também as construções de alt com o ouro.

Um outro exemplo, a construção de vilas, a Vila Rica foi a primeira vila a ser fundada.

teve também o surgimento dos profissionais como funcionários públicos, comerciantes, artesãos e

também teve o crescimento da população de 300 mil habitantes para 3.300 habitantes.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

Aluno(a): Doutor morais da silva

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

Na descoberta do ouro no Brasil aconteceu muita mudança no país ~~us~~ ~~passados~~ como portugueses que mandavam escravos para trabalhar para eles quando o homem achava uma mina de ouro eles tinham que passar ~~o~~ pelo rei depois de muita escravidão veio o comércio que surgiu no Brasil da descoberta do ouro, aumentou a riqueza de todo e os comércios aumentaram muito com o ouro, o povo aumentou sua riqueza o comércio melhorou eles faziam suporte como metais e artesanato e outras profissões.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma: "D"

Aluno(a): Samara Ferreira da Silva

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

1850

O ouro no Brasil

O ouro é muito importante por que o ouro trouxe para influência cultural, para construção de muitas cidades, o ouro é um elemento de muitas populações, ouro e muitas mudanças para o Brasil, o ouro também ia para as áreas de mineração de ouro o ouro era produzido pelos os escravos depois de ser produzido o ouro virava pó, que ia ser produzido outra vez para ser empacotado depois de ouro ser empacotado o ouro ia ser levado pelo os navios os contrabandistas que andavam muito para chegar na casa de mineração de ouro, só isso que eu tenho a falar

OK

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

Turno: Tarde

Grau: 1º

Série: 5ª

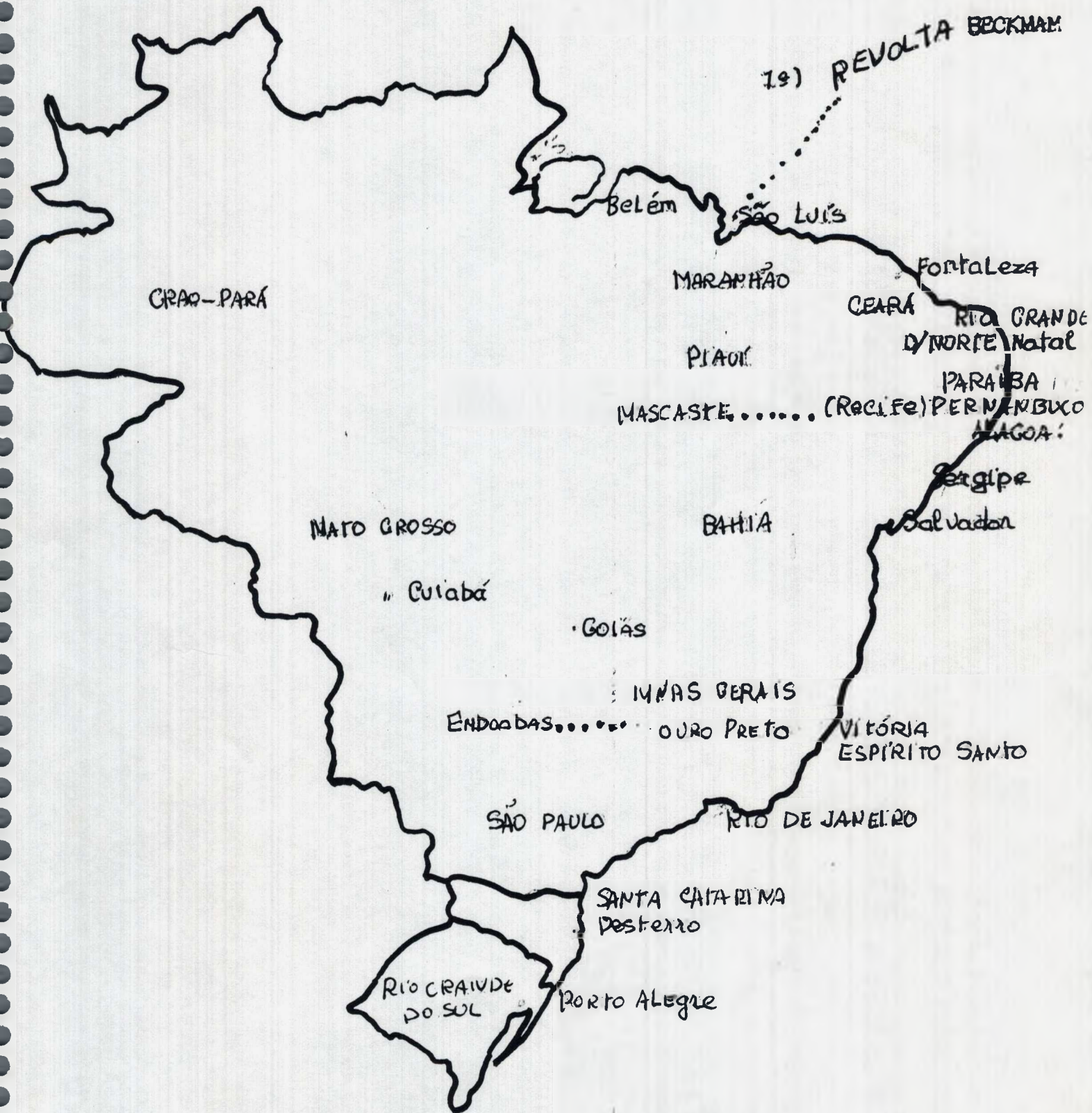
Turma: D

Aluno(a): _____

EXERCÍCIO

FAÇA UMA PEQUENA REDAÇÃO SOBRE O QUE ENTENDERAM DAS
REBELIÕES NATIVISTAS, ESCOLHIDAS PELO GRUPO EM SALA DE
AULA.

- 1º) Revolta de Beckman - 1634 - MARANHÃO
- 2º) Revolta dos Mascates - 1709 - OLINDA - RECIFE (Pernambuco)
- 3º) Guerra dos Emboabas - 1708-1709 - MINAS GERAIS



ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

GRAU: 2º

TURMA: B

ALUNO(A): _____

EXERCÍCIO DE AVALIAÇÃO

1º) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) WILSON BRUNO DOS SANTOS Nº 38

- Exercício de Avaliação -

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

85
2
O PERÍODO DE CONQUISTA DOS NEGROS FAZIA PARTE DAS EXPEDIÇÕES ELES ERAM MUITO ATIVOS.

OS NEGROS NA QUELE TEMPO ERAM DE COMBATE COMO DOS NA LUTA DE CONQUISTA A MÃO DE OBRA INDIG

COM A IMPLANTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NEGRA POR PARTE PORTUGUESES SERIA A SOLUÇÃO PARA QUE ASSIM O TRABALHO FOSSE EXECITADO.

OS NEGROS ERAM CAPTURADOS NA ÁFRICA E TRAZIDOS PARA TRABALHAR NA PECUÁRIA E NAS PLANTAGÕES. NO CULTIVO DO CANA-DE-AÇUCAR, MILHO, FEIJÃO E MANDIOCA PARA MEI E SUBSISTÊNCIA DOS SENHORES.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2º Turma "B"

Aluno(a)

Adriana Tejuca Alves Nº 04

- Exercício de Avaliação -

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

1955
No século XVII a capitania da Paraíba era pouco povoada. Pois como não tinha pessoas de Portugal para vir para cá, os portugueses tinham que usar os índios para trabalhar nas terras. Mas como não conseguiram que os índios se escravizassem, os portugueses implantaram a escravidão negra, foi a única solução que encontraram para a exploração das capitânicas.

Os negros eram trazidos da África para trabalhar nas lavanças.

Eles cultivavam cana-de-açúcar, milho mandioca, feijão em pequenas quantidades para a subsistência dos senhores, além de trabalharem de graça era mal tratados e mal alimentados.

Usaram os negros como uma armada de combate, como um soldado na luta para conquistar a capitania.

O negro foi a peça mais importante na conquista da Capitania para os portugueses, sem os negros os portugueses não teriam conquistado a Capitania.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) Edsonaldo da Silva Barros

- Exercício de Avaliação -

18) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

Os portugueses ao chegar a Paraíba encontram o índio como seus únicos habitantes, tentaram ludibriá-lo e em seguida escravizá-lo. Mas os portugueses fracassaram nessa luta pois os índios não se deixavam escravizar facilmente essa decisão não foi feita precipitadamente, houve brigas e mortes porque os índios preferiam morrer a ser privados de sua liberdade.

Com o fracasso os portugueses deixaram a Paraíba, mas com o objetivo de encontrar novas terras a seu dispor. Seguiram para a África e encontraram o negro que ao contrário do índio levou na sua luta e lutou viraram para o território Brasileiro.

Aqui chegando foram trabalhar nos plantios, tornando-se peça importante para o latifúndio, daí em diante o negro foi totalmente escravizado. Foi todo trabalho pesado da fazenda utilizada como arma de combate e como se não bastasse era vendido como mercadoria ou trocado por

afutar.

O trabalho escravo foi duradouro e sofrido na luta revolta, executando muitas fugas, mas este período teve fim no ano de 1888 com a abolição da Lei Áurea.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) Adriana de Nascimento Cavallante.

- Exercício de Avaliação -

1º) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

No século XVII a população da Paraíba encontrava-se pouco povoada, Na chegada dos portugueses, usaram todas as armas para explorar os índios. Tal costume não era aceito pelos índios pois todos trabalhavam e sem um explorava os outros. Percebeu-se que não conseguia explorar os índios os portugueses implantou a escravidão negra. E começaram a investir, a fazer os negros a trabalhar para eles na lavoura, canavieira, na plantação da cana-de-açúcar etc. Os negros além de serem explorados era mal tratados, mal alimentados pois o que eles plantavam para os portugueses

Na formação da sociedade os negros uniram-se aos índios por isto continuando a mestiçagem que era predominante o Brasil, mulher e filhos.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) Maria do Socorro Gomes de Oliveira

Nº 32

- Exercício de Avaliação -

79,0

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

O negro foi importante no processo de colonização da Paraíba ele era uma mão na luta de conquista os negres trabalhavam muito, mais só davam lucros aos grandes proprietários de terras porque a mão de obra era muito barata os proprietários fiavam cada vez mais lucros com o trabalho do negro escravizado.

Os negres foram trazidos para a Paraíba para trabalhar na plantação de cana-de-açúcar porque os índios não sabiam como utilizar esse tipo de trabalho e os negres sabiam como trabalhar com esse produto.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) Luciano de Sousa N° 25

- Exercício de Avaliação -

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

90
É muito importante o negro no processo de conquista e colonização da Paraíba, pois foram os negros, que trabalharam para a conquista, os negros foram escravizados pelos portugueses. Os negros, eram trazidos da África nas embarcações que vinham os portugueses, para trabalhar para eles, os portugueses acham que era a melhor solução para eles, assim eles não tinham muito trabalho, e colocava os negros para trabalhar nas lavouras, com vários outros tipos de trabalhos.

Eles cultivavam: milho, feijão, e mandioca. Era a subsistência dos senhores que eram donos de grandes extensões de terras, os negros não ganhavam dinheiro mas em troca eles recebiam alimentação.

Os negros sofriam muito com a escravidão, eram maltratados, não tinham como se defender. eram pobres humildes era obrigado a atender os senhores, pois afinal eles eram donos deles (negros).

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a)

João Carlos Felix

Nº 26

1

- Exercício de Avaliação -

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

9,5
✓
O negro teve grande importância no processo de conquista e colonização da Paraíba, pois, como o índio não se adaptou ao trabalho que o português o submeteu a fazer, o negro foi de vital importância não só que ele substituiu o índio que não admitia isso até dizer umim ser o trabalho, mas por outros motivos que posso usar como: o negro arma de combate foi indispensável nos lutas pela conquista da Paraíba; mão-de-obra gratuita importante para o latifúndio; o negro teve também grande participação na economia paraibana cultivando a cana-de-açúcar, que até hoje o nosso estado possui muita cana-de-açúcar; na estrutura agrária da Paraíba, o negro também teve fundamental importância; e na monocultura. Resumindo tudo isso o negro teve participação em todos os processos evolutivos da Paraíba, da conquista, onde ele atuou como soldado nos lutas a colonização onde efetuou todo cultivo de nossas lavouras.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a)

Alessandra Diniz Silva nº 05

Turma: I

- Exercício de Avaliação -

18) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

85
2

O Período de conquista dos negros faz parte das expedições eles eram muito ativos. Os negros na qual tempo eram arma de combate como soldados na luta de conquista a mão de obra indígena.

Implantação

Os negros na qual época eram bons no cultivo da cana de açúcar e mão de obra esbarava era uma peça importante para o latifundiário.

Os negros na qual época eram trazidos da África para trabalhar no Brasil sofriam muito passavam ali fome.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) Relia F. da Silva Nº 10

- Exercício de Avaliação -

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

7,0
Ex Pelo que eu entendi:

O negro teve como participação a escravidão, que foi implantada pelos portugueses depois de ter usado todas as maneiras para obrigá-lo a arar a terra.

Já na Paraíba não foi diferente, o negro eram capturados na África e trazidos nos porões de navios para trabalhar na lavoura canavieira, sua importância era por trabalharem exclusivamente na plantação ou pecuária. Cultivavam além da cana-de-açúcar o milho a mandioca e o feijão. Eram também mal alimentados e muito mal tratados.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Célia Jean Diniz S. Maior

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 1ª Grau: 2ª Turma "B"

Aluno(a) LUSÉRGIO BRITO DINIZ Nº 27

- Exercício de Avaliação -

1ª) Comente sobre a participação do negro, no processo de conquista e colonização da Paraíba.

NA PARAIBA NÃO ACONTECEU DIFERENTE DAS DEMAIS CAPITANIAS, OS NEGROS ERAM CAPTURADOS NA ÁFRICA E TRAZIDOS NOS PORÕES DE NAVIOS PARA TRABALHAR NA LAVOURA CANAVIEIRA, TRABALHAVAM EXAUSTIVAMENTE NAS PLANTACÕES OU NA PECUÁRIA, CULTIVAVAM ALÉM DA CANA-DE-AÇÚCAR, O MILHO, A MANDIOCA E O FEIJÃO E PEQUENAS QUANTIDADES PARA SUBSISTÊNCIA DOS SENHORES ERAM MAL ALIMENTADOS E ESTAVAM SUBMETIDAS A MAUS TRATOS

ERA UMA FAMÍLIA PATRIARCAL, ONDE O FATOR FAMILIAR EXERCIÁ SOBRE A MULHER E FILHOS UM PODER DE MANDO QUE É QUE ABSOLUTO. AS MULHERES VIVIAM PRATICAMENTE RECLUSAS, QUANDO SAÍAM, ERAM COBERTAS E CARREGADAS EM UMA REDE PARA SEREM VISTAS SOMENTE PELAS AMIGAS A QUEM PEDIAM LICENÇA PARA VISITAR.

OS CASAMENTOS PARAIBANOS ERAM APERTADOS NA SUA GRANDE MAIORIA ENTRE OS PAIS DOS NOIVOS QUE GERALMENTE O SE VIAM AO PÉ DO ALTAR.

ERA ASSIM A VIDA NA CAPITANIA DA PARAIBA, ONDE MUITO COSTUMES SOBREVIVEM AINDA HOJE NO ESTADO, A ESCRAVIDÃO FOI EXTINTA, MAS O LATÍFÚNDIO PERMANECE, O PATRIARCALISMO PERSISTIU, MAS A SUBMISSÃO AINDA É BASTANTE SIGNIFICATIVA.

FIM!!!

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª

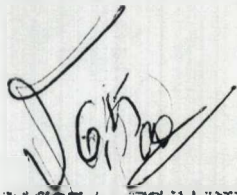
GRAU: 2º

TURMA: B

EXERCÍCIO EM GRUPO

Faça uma redação sobre que fatores contribuíram para o enfraquecimento do trabalho escravo, na economia colonial paraibana.

Equipe: Selong Dur N° 38
Luciano de Souza N° 25.
Elia F. da Silva N° 30



ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN L. SOUTO MAIOR

SÉRIE: 1º 2º GRAU TURMA: D

EXERCÍCIO EM GRUPO

Faça uma redação sobre que fatores contribuíram para o enfraquecimento do trabalho escravo, na economia colonial paraibana.

Os motivos que levaram o enfraquecimento do declínio da escravidão paraibana foram: o tráfico internacional em 1850 e o escoamento de escravos para a Soubra Cafeira do centro sul, tendo como principal fator deste escoamento os grandes senhores de engenho.

Os senhores de escravos, endividados e atraídos pelo elevado valor do cultivo na zona cafeeira; as crises econômicas paraibanas na segunda metade do século XIX, teve como objetivo enfrentar as dificuldades de ordem externas e interna. Ordem externa a venda de produtos, e as internas não vendidos no mesmo mercado paraibano.

A redução da população cativas teve como fator as epidemias, as mortuorificações, e as pressões, criadas pelo movimento abolicionista. Em 1860 desceram as primeiras manifestações no interior paraibano e depois na capital.

Alunas: Márcia da Silva Loucas nº 28

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ORIENTADORA: CÉLIA JEAN L. SOUTO MAIOR

SÉRIE: 1º 2º GRAU TEMA: B

EXERCÍCIO EM GRUPO

Faça uma redação sobre que fatores contribuíram para o enfraquecimento do trabalho escravo, na economia colonial paraibana.

Os fatores que contribuíram para o enfraquecimento do trabalho escravo, na economia colonial paraibana foram:

- O declínio na produção açucareira com o aumento da lavoura algodoeira embora tendo um ciclo muito pouco duradouro.

- A proibição do Tráfico internacional em 1850, com a emigração de escravos.

Deu-se também a suspensão do comércio de escravos africanos.

As epidemias, as munitimissões e as pressões criadas pelo movimento abolicionista contribuíram para a redução da população cativa. Com a eliminação total da instituição resultou das pressões criadas pelo movimento abolicionista tendo suas primeiras manifestações ocorridas no interior da Paraíba, se expandindo na capital.

NILSON REGIS DOS SANTOS Nº 35
ALESSANDRA DINIZ SILVA Nº 05
GLADSTONE ARRUDA DE MARCEDO Nº 18
LUSÉRGIO BRITO DINIZ Nº 21

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª E 2ª GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: CÉLIA JEAN L. SOUTO MAIOR

SÉRIE: 1ª 2ª GRAU TÍTULO: D

EXERCÍCIO EM GRUPO

Para uma redação sobre que fatores contribuíram para o enfraquecimento do trabalho escravo, na economia colonial paraibana.

O NÚMERO DE ESCRAVOS DIMINUIU E A QUANTIDADE DE TRABALHADORES LIVRES AUMENTOU NA PARAIBA. COMO PODEMOS OBSERVAR, OS DIVERSOS CICLOS ECONÔMICOS PARAIBANOS - NA 2ª METADE DO SÉCULO XIX - ENFRENTARAM ADVERSIDADES DE ORDEM EXTERNA E INTERNA; COMO RETRAÇÃO DE MERCADO, FALTA DE CAPITAIS, DE INFRAESTRUTURA E CONDIÇÕES CLIMÁTICAS DESFAVORÁVEIS.

ATÉ A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM 1888, HÁ A PARTICIPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA ESCRAVA NOS DIFERENTES TIPOS DE ECONOMIA, NA PARAIBA.

ENTRE OS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DECLÍNIO DA ESCRAVIDÃO NA PARAIBA, DESTACARAM-SE A PROIBIÇÃO DO TRÁFICO INTERNACIONAL (1850) E O ESCOAMENTO DE ESCRAVOS PARA A LAVOURA CAFEEIRA DO CENTRO-SUL. A SUPRESSÃO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS AFRICANOS FOI A PRIMEIRA GRANDE PASSOS PARA A FIM DA ESCRAVIDÃO BRASILEIRAS, UMA VEZ QUE INTERCEPTOU A GRANDE FONTE DE ABASTECIMENTO DA MÃO-DE-OBRA NATIVA.

O DECLÍNIO DO COMÉRCIO NEGREIRO COINCIDIU COM A FASE DE EXPANSÃO DA LAVOURA CAFEEIRA. MUITOS SENHORES DE ESCRAVOS ENVIARAM SEUS ESCRAVOS E ATRÁIDOS PELO ELEVADO VALOR DO CAFEÍDO NA ZONA CAFEEIRA VENDERAM-SE NOS MERCADOS SULINOS. COMEÇOU ENTÃO O GRANDE FLUXO MIGRATÓRIO DE ESCRAVOS DO NORDESTE, INCLUSIVE DA PARAIBA, PARA O CENTRO-SUL DO PAÍS.

Fim.

ANEXO VII

**LISTA DOS NOMES COM
AS NOTAS DA 5ª SÉRIE**

RELAÇÃO DOS ALUNOS DA 5ª SÉRIE D 1º GRAU COM AS NOTAS
PARA O 4º BIMESTRE.

Adailma Filismina da Costa	7,0	7,0	
Ana Mércia Lucindo	7,5	7,0	
Ailson da Silva Souza	8,0	7,0	
Ana Rita da Cunha Garcia			
Bertran Velez de Oliveira	9,0	8,0	
Bianca Ricarte Correia	6,5	7,5	
Cleuton Moraes da Silva	7,5	6,5	8,5
Cristina dos Santos Silva			
Danielle Freire de Sousa	7,5	9,0	7,0
Darlene Honório Alves	10,0	8,0	
Fabiana Barbosa de Souza	8,5	9,5	7,0
Ilma Oliveira Maciel			
José Ciron de Oliveira Barbosa	8,5	6,5	8,0
Josenildo Bruno Almeida Silva		7,0	6,5
Luciana Correia da Silva		8,0	9,0 8,0
Maria Fabiana Martins dos Santos		8,0	8,5 7,5
Maria do Socorro Negreiro Silva	6,5	8,5	7,0
Maria Vanessa Costa Souza			8,0 9,0
Neuma de Fátima P. Silva	7,5	10,	7,0
Nilson Lopes de Oliveira		7,0	7,5 6,5
Pollyana da Silva		7,5	8,5 7,0
Rachel Araújo Ordanho		8,5	8,0
Samara Ferreira da Silva	7,5	8,5	7,0
Sheila Santos de Oliveira	7,5	8,5	7,0
Tatiana Almeida Pereira		7,5	8,0
Valdenira Alves dos Santos		8,0	8,5 7,0
Washingtonburg Ferreira Moura	8,0	6,5	6,5
Edja Karlla Silva Dias		9,5	7,5 7,0

Escola Estadual do 1º e 2º graus, Ademar Veloso da Silva.

Prof. Amalia

Estagiária: Celia Jean Diniz Souto Maior

Serie: 5ª Turma: D

LISTA de PRESENÇA

data: 22/10/96

- 1- Neuma de Fatima Paulino da Silva.
- 2- Pollyana da Silva Nº 30.
- 3- Fabiana Barbosa de Souza Nº 14
- 4- Ana Mécia Loucindo nº 4
- 5- Adailma Filismina da Costa nº 1
- 6- Valdemir Alves dos Santos nº 34
- 7- Dardina Homero Lucas nº 11.
- 8- Daniele Freire de Souza nº 10 5ª 1)
- 9- Edja Karlla Silva Dias nº 40
- 10- Rachel Araújo Orobomho nº 32
- 11- Bianca Picate
- 12- Cristina dos Santos Silveira Nº 09 Nº 4
- 13- Sumara Teixeira da Silva nº 34
- 14- Deuter Moura da Silva Nº 25
- 15- Elvira Vanessa Costa Souza Nº 8
- 16- Joséilton de Oliveira Barbosa : nº 18
- 17- Tatiana Almeida Pereira nº 36 Serie 5ª Turma D
- 18- Rosemildo Bruno Almeida Silva nº 20.
- 19- Sheila Santos de Oliveira Nº 35
- 20- Saurana Moura da Silva nº 21 5ª D
- 21- Irma Oliveira Maciel 5ª D Nº 17
- 22- Ailson da Silva Souza Nº 03
- 23- Maria do Socorro Nogueira Silva Nº 24
- 24- FABIANO DE ARAUJO Nº 15
- 25- Maria Fabiana Martins dos Santos Nº 22

Lista de Presença.

5ª Série Turma = Tarde

Turma = D.

Data 29/10/19

1. Neuma de Fátima P. Silva nº 26
2. Ana Mécia Lucindo nº 01
3. Fabiana Barbosa de Souza nº 14.
4. Valdenira Alves dos Santos nº 37.
5. Karlene Humerio Alves nº 11.
6. Ana Rita da Cunha Barão nº 05.
7. Edja Karlla Silva Dias nº 40.
8. Daniele Freire de Sousa nº 10
9. Rachel Araújo Indomho : nº 32
10. Adailma F. da Costa nº 1
11. Pollyana da Silva nº 30 5ª D Tarde
12. Luciana Souza da Silva: nº 21 5ª D Tarde
13. Shiele Santos de Oliveira nº : 35 nº 35 nº 36. 5ª D
14. Lorenzo Bruno Almeida Silva: 200
15. Anton Moraes da Silva: nº 8
16. José Cirson de Oliveira Barbosa. nº 08: 5ª D Tarde
17. Portson Vitor de Oliveira nº 6 = 5ª D
18. Washington Luiz FERREIRA MOURA nº 39
19. Ilma Oliveira Maciel nº 17
20. Maria do Socorro Nogueira. nº 24
21. Cristina dos Santos Silva nº 09
22. Camara Ferreira da Silva nº 38
23. Bianca Ricarte nº 7
24. AILSON DA SILVA SOUZA N: 03
25. Maria Edisona Martins dos Santos: 22
26. Nilson Leopes de Oliveira N: 27
27. FABIANO de ARAUJO

Lista de Presença

Aula: dia: 25/11/96

1. Maria do Socorro Negreiros 5º D nº 24
2. Tomara Ferreira da Silva 5º D nº 34
3. Bianca Ricarte 5º D nº 07
4. Nilren Lopes 5º D nº 27
5. AILSON, DA SILVA SOUZA 5º D nº 03
6. Buxton Vilez de Oliveira 5º D nº 08 termo tarde
7. Washington Tenbury Ferreira Moura nº 33 5º D gostosa nº 3
8. José Carlos de Oliveira Barbosa. 5º D nº 28
9. Cláudio Vaneresso Costa, Souza 5º D nº 25
10. Tatiana Almeida Pereira nº 36 5º D nº 36
11. Sheila Santos de Oliveira nº 35 5º D ~~000~~
12. Zenildo Bruno & Almeida Silva. nº 20
13. Cláudio Maurício dos Santos nº 8
14. Maria Fabiana Martins dos Santos nº 22
15. Adailmo F. da Costa nº 1
16. Pollyana da Silva nº 30 5º D tarde
17. Fabiana Barbosa de Souza nº 14
18. Luciana Jacuina da Silva nº 01
19. Valdemira Alves dos Santos. nº 37
20. Ana Mércia Lucindo nº 04
21. Neuma de Fátima Paulic da Silva. nº 26.
22. Darlene Humano Alves.
23. Rachel Anaiço Ordombho nº 32.
24. Ana Rita Bonito nº 05
25. Daniele Freire de Souza nº 30

ANEXO IX

LISTA DOS NOMES DO

2º GRAU

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA (BODOCONGÓ)

DISCIPLINA: HISTÓRIA

2º GRAU - 1º CIENTÍFICO - TURMA "B" - NOITE

NOTAS DOS ALUNOS P/O 4º BIMESTRE

Adelânia Silva das Chagas	7,5	6,5
Adriana Lopes Pontes	8,5	6,5
Adriana do Nascimento	8,5	8,5
Adriana Telma Silva	9,5	6,5
Alexandra Diniz Silva	8,5	5,5
Alex Raimundo de Sousa	6,5	7,5
Aylton Medeiros Fernandes	6,5	7,5
Délia Francisco da Silva	7,0	7,0
Eliana Araújo de Farias	7,5	6,5
Eliete Silva Farias	7,0	7,5
Elisângela da Silva Barros	9,5	8,5
Fabiana Vieira de Oliveira	6,5	7,5
Fabício Medeiros Farias	8,0	7,5
Françuênia França Bezerra	7,0	6,5
Gladstone Arruda de Macêdo	5,5	6,0
Gerailton A. Rodrigues	10,	7,0
Glauciana do N. Silva		8,5
Kênia Dantas Alves	7,5	7,5
Keila Dantas Alves	7,5	7,5
Luciano de Souza	9,0	6,5
Luis Carlos Felix	9,5	7,5
LUsérgio Brito Diniz	6,0	
Maria Cristiane Luis dos Santos	9,0	7,0
Maria de Fátima Lima Sousa		
Maria do Socorro Gomes de Oliveira	9,0	6,5

Maria José Silva Cruz		8,5
Mônica de Oliveira Silva	9,0	6,5
Nilson Régis dos Santos	8,5	5,5
Marcia da Silva Lucas	9,0	7,5
Patrícia Moreira de Souza		6,5
Solange Dias	7,5	6,5
José Rubenildo Mendes Rosendo	6,5	7,5
José Walter Monteiro de Moura	8,5	8,5
Vanúbia Pereira de Sousa	6,5	7,5
Wemeson F. de Carvalho	7,5	
Maria de Fátima Gomes de Oliveira	9,0	6,5

ANEXO IX
LISTA DE PRESENÇA DO
2º GRAU

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Professora Estagiária: CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

Orientadora: Nilda da Câmara Donato

Série: 1ª do 2º Grau - Turma B.

Horário: 20:05 hs.

Disciplina: HISTÓRIA

17.10.1996

- 01 - Adeliânia Silva das chagas
- 02 - Adriana Lopes Pontes
- 03 - Adriana do Nascimento
- 04 - Adriana Telma Alves
- 05 - Alessandra Diniz Silva
- 06 -
- 07 - Naz Rourmundo de Sousa
- 08 -
- 09 - Ayson Medeiros Fernandes
- 10 - Celia Francine de Silva
- 11 - Eliana Araújo de Farias
- 12 - Eliete Silva Farias
- 13 - Elisângela de S. Barros
- 14 - Fabiana V. de Oliveira
- 15 - Fabricio Medeiros Farias
- 16 - Fromeúnia Franco Lima
- 17 - Genailton A. Rosa
- 18 - GLADSTONE ARRUDA DE MATEIRO
- 19 - Glauciana de M. Silva
- 20 -
- 21 - José Rubenillo Mendes Rosende.
- 22 - Walter Monteiro
- 23 - Keila Santos Alves.
- 24 - Kénia Santos Alves.
- 25 - Luciano de Sousa.
- 26 - Luis Carlos Feliz.
- 27 - LUSÉRIO BRITO DINIZ
- 28 -
- 29 - Me Brústiane Luiz dos Santos
- 30 -
- 31 -
- 32 - Maria do Socorro Gomes de Oliveira
- 33 - Maria José Silva Luiz.

ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS 'ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA'

Disciplina: História - 1ª, Série do 2º Grau - Turma 'B'

Estagiária: Célia Jean Diniz Souto Maior

Assunto: 'O TRABALHO ESCRAVO NO PERIODO COLONIAL PARAIBANO'

31.10.96

Lista de Presença

- 10
- 2 - Adriana Lopes Rufes.
- 3 - Adriana de nascimento
- 4 - Adriana ~~Alves~~ Alves.
- 5 - Alessandra Diniz Silva nº 0,5
- 6 -
- 7 - Dax Raimundo de Sousa
- 8 -
- 9 - André Medeiros Fernandes.
- 10 - Célia F. da Silva
- 11 - Eliana A. de Farias
- 12
- 13 Elisângela S. Barros
- Fabiana V. da Oliveira.
- Fabrizio Medeiros Farias.
- Genilson A. Rodrigues
- GLADSTONE BARBOSA DE MENEZES

Walter Montano de Moura.
Keila Santos e Alves.
Kênia " "
Luciano de Souza
Luis Carlos Felix
LUSÉRIO BRITO DINIZ

Ma. Crisiane de. dos Santos

Soeiro Gomes de Oliveira

ESCOLA DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Disciplina: HISTORIA 1ª Série "B" 2º Grau.

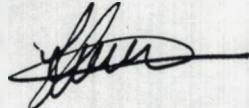
Assunto e/ou Tema da Aula: Declínio da Escravidão na Paraíba.

Profª:

Estagiária: Beila Leon D. S. Moura

LISTA DE PRESENÇA

Dia: 07/11/1996.

- 1- Adelânia Silva dos Chagas
- 2- Adriana Lopes Pires.
- 3- Adriana do Nascimento
- 4- Adriana Felina Alves.
- 5- Alessandra Viniz Silva
- 6-
- 7- Agge Raimundo de Sousa
- 8-
- 9- Agge Raimundo de Sousa.
- 10- Aida F. da Silva
- 11- Eliana A. de Farias
- 12- Eliete Silva Farias
- 13- Edirângela da S. Barros
- 14- FABIANA VIEIRA DE OLIVEIRA.
- 15- FABRICIO MEDeiros FARIAS.
- 16- Francinice F. Souza 
- 17-
- 18- ELMOSTONE MARUDA DE MATEUS
- 19- Glaucisna de N. Silva
- 20-
- 21-
- 22- walter Monteiro de Moura
- 23- Sheila Soares Alves.
- 24- Sônia Soares Alves.
- 25- Sônia de Souza.
- 26- Sônia Carlos Felix
- 27- SÉRGIO BRITO DINIZ.
- 28- ~~Marcia da Silva Loucas~~
- 29- Maria ~~Christiane dos Santos~~ Souza
- 30- ~~Mãe de Fatima~~ Gomes de Oliveira
- 31- Maria de Fatima Gomes de Oliveira
- 32- Maria do Socorro Gomes de Oliveira
- 33- Maria José Silva Cruz.
- 34- Márcia de Oliveira Silva

..... Continua no verso.

ESCOLA DE 1º e 2º GRAU ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Disciplina: História

Estagiária: Célia Jean Diniz Souto Maior

Série: 1ª do 2º Grau - Turma B - Noite

LISTA DE PRESENÇA/14.11.96

- 1 - Eliete Silva Farias Nº 12
- 2 - Walter M. de Moura Nº 22
- 3 - Adriana do Nascimento Nº 03
- 4 - Genailton Agostinho Rodrigues Nº 17
- 5 - José Rubemildo Mendes Rosendo Nº 21
- 6 - Gláustene Amada de Macedo Nº 19
- 7 - Fabricio Medeiros Farias Nº 15
- 8 - Lusirgio Baito Diniz Nº 27
- 9 - Patrícia Moreira da Souza Nº 36
- 10 - Mônica de Oliveira Nº 34
- 11 - Maria Christiane Luiz dos Santos Nº 29
- 16 - Fomeucina F. Bezerra. Nº 26
- 17 - Luis Carlos Felix Nº 26
- 18 - Rênia Dantas Alves Nº 24
- 19 - Keila Cantor Alves Nº 23
- 20 - Alva Ramundo de Souza Nº 07
- 21 - Adélia Silva das Chagas Nº 1
- 22 - Maria do Socorro Gomes de Oliveira Nº 32
- 23 - M^{te} M^{te} Fátima Gordus Nº 31
- 24 - Eliana Araújo de Farias Nº 33
- 25 - Luciana de Souza Nº 25
- 38 Selange Dias
- 40 Célia G. da Silva
- Nilson Regis dos Santos Nº 35
- Alessandra Diniz Silva Nº 05
- Apou Medeiros Fernandes
- Adriana Teffma Alves
- Fabiana Vieira de Oliveira

ANEXO X
AVALIAÇÃO DOS
ALUNOS

Qualificação

As aulas da professora Célia

As aulas que a professora Célia administrou foi um sucesso, ela sabe muito bem como se dar com os alunos.

A aula que eu mais gostei foi a aula que nós falamos sobre a mineração, eu gostei da parte que falava dos escravos, como eles viviam, como eles era tratado em relação aos Senhores de engenho e muito mais.

Eu gostei de todas as aulas dela, pena que acabou, mais do gosto que eu gostei dela e eu acho que nunca vou esquecer ela.

Mais o que foi melhor saber, que fomos primeiros alunos dela, eu gostei!

Ass. Fabiana Barbosa de Souza 5ª D

Lembre-me da 5ª D e de me Também

Oluna Valdemira

5º D

Forde

As aulas da Professora Bêlia

A professora Bêlia foi uma excelente professora porque ela ensinou super bem. Entendemos tudo que ela falava. Foi uma professora super legal ela é uma professora super alto-astrol. Aprendi muito com ela queri de todos os assuntos.

Professora Bêlia vai é uma das melhores estagiárias desse colégio. Só pelo fato de vai ser uma professora super legal, e por isso que todos da 5º D gostaram da vai.

Apesar de vai não ir ensinar mais a aula de história sentiremos muito sua falta. Espero que quando vai for ensinar em outro colégio espero que nunca mude.

Continue sempre do jeito que vai é!

Essa professora maravilhosa

Olha adorei muito sua aula.

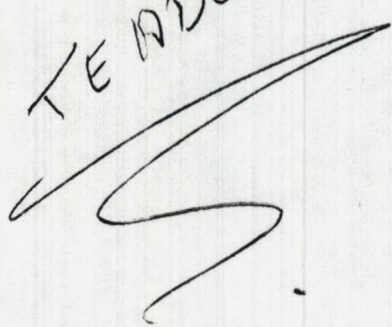
Siga
Sempre
avando

5 = D Tarde Fazer uma avaliação das aulas que a professora Célia ministrou.

Eu achei que a professora Célia foi um ótima professora e também que eu aprendi várias coisas com ela nesse poucos dias que ela passou conosco. Por que ela foi uma excelente professora para mim e para todos da 5ª D.

Eu queria que essa ótima pessoa ficasse mais tempo dando aulas para nossa turma, pena que isso não é possível.

Para ser uma estagiária, ela é uma ótima professora, mesmo que ela não continue conosco, mas eu vou sempre lembrar que um dia eu tive uma professora que mesmo não tendo muito diálogo, gostei muito dela.

TE ADORO!


Daniel Freire de Sousa n° 10

AValiação

As aulas da professora Célia

As aulas da professora Célia foi muito legal
gastei muito não poderia ser melhor muito
desempenhada para falar explicações nota 10,0
foi muito bom conhece ela e poder ajudar
ela a estudar para ser professora
que é uma coisa que você não preci-
sava é estudar.

Professora gastei muito das suas
aulas foi adorei não só as suas
aulas como também seu jeito de
ensinar. adorei quando você levou
agente para assistir aquele vídeo

sobre multiplicação que pena que você
não vai poder dar mais aulas. professora desejo
para você toda felicidade do mundo.
Fim

Ass: Ana Inácia
5º D

Tarde

NOME: AILSON

EN

NÚMERO: 03

TURMA: S-D

TURNO: TARDE

MINHA AVALIAÇÃO com a PROFESSORA CÉLIA que
é uma engenheira foi muito ÓTIMA por que ela me
ensinou como que eu NÃO SABIA sobre o Período
Colonial MAS como ela e PROFESSOR era explicam em
língua de ser um pesquisador e também ela é
uma Professora legal e se escolhere qual era
a NOTA que eu DAVA pra a Professora mais legal e
destaquei DAVA um 10,9 para CÉLIA.

Assina: ~~Ailson da Silva Souza~~

NOME: AILSON

Aluna: Tomara nº 34

uma relação entre as alunas

Tu achei as alunas paradas que a Senhora deu nesse período foi muito legal falar por que? por que as aulas da Senhora e muito legais e interessantes por que tinha muita coisa ^{que} com a história do Brasil e muito legais as ^{aulas} da Senhora por que a Senhora não comproua muito eu queria professor para ler que a Senhora não fosse em outra lugar até o final deste ano. por que a Amália ela ensinar bem explicar bem também ~~e~~ mais eu queria que a Senhora professora ficar ensinando agente por que a Senhora e muito legal eu queria também que a Senhora ficar porque a Senhora ~~explicar~~ explicar bem e ensinar bem. professora eu gostei muito da Senhora.

Tomara Sua aluna que te adora.

Feliz Natal e um novo professor por e feliz para a Senhora.

Obrigado por ser nossa professora legal

Da aluna: Lucciana Ferreira da Silva
para professora: Lúcia Lima

Olha professora Lúcia, eu gostei muito de
seus aulas. Você tem tudo, para ser uma profes-
sa, você é uma pessoa, nos compreende quando
temos dúvida, e você nos explica. Olha falou
a verdade eu senti muita falta de seus
aulos. Espero, que fique aqui nesse colégio por
muito tempo, por que quem sabe você de novo, professor
culpa se eu não trabalho, mais qual o aluno
que não dá trabalho. Foi mesmo na sequência
aula eu tinha tirado 9.5, no trabalho e
minha amiga tinha tirado 10.0, eu fiquei um
poco com raiva por não ter ganhado 0.5
ponto eu e eu um quinto perdendo 0 por que
não tinha tirado 10.5 Olha professora, eu fiquei
em dúvida se você ficou com raiva se ficou
mim culpe por que eu estava ~~se~~ nervosa
por isso fiz isso. Vou terminando essa relação
Desafio boa sorte na sua carreira de professora
ss: Lucciana

Eu achei ótimo (suas) suas aulas pelo
simples fato de que, se um professor é
legal é sabe compreende, seu aluno tem
ela mais fácil, é você sabia não compre
de então, foi uma experiência muito lega
ter passado esse tempo todo com você
gostei de você do fundo meu coração, você
pode não acreditar por que eu não presta
va muito atenção na sua aula, ficava
conversando mais esse é o meu jeito
então gostei mesmo de você e das suas
aulas.

De: Sua aluna Bianca Ricarte

Para: uma pessoa que eu aprendi a admirar

CELIA

BIANCA

Nome: Flávia do Socorro N.º 24 Turma 5-D

Celia

Professora Celia gostei muito de suas aulas porque a senhora tem muita paciência com todos nós, gostei também do jeito de a senhora explicar, os exercícios espero que eu passe por média na sua aula e também de mildd que ela é uma ótima professora OK! Dê este abraço a ela seu Solonno Veta de Iracema.

É também aprende muito sobre História principalmente das professoras que deu esta aula.

Estou muito satisfeita em ter uma professora como a senhora. A senhora é como uma tia para mim não estou falando metida estou falando a verdade.

OK! Professora Bons Festas

Para TODOS NÓS E QUE SEJA

PREVISTO DE PAZ E AMOR

NO CORAÇÃO DE TODOS NÓS

Eu estou lhe dizendo isso de desejo
um Feliz Natal e um Próspero ano novo
★ Esses são os votos de Socorro

Aluna: Pollyana da Silva

Turma: D

Nº 30

Turma: Tarde

A senhora da aula muito bem e paciente,
tem bom humor, e uma professora legal.

Ensina muito bem mesmo.

Cito que a senhora tem paciência de dar
aula na nossa classe com os bagunheiros.

Tenho certeza professora que vai ser pro-
movida e vai ser uma professora muito
legal.

Eu acho muito bom o jeito que a senho-
ra da aula bem explicado.

FIM



Prof. Pollyana
sua

aluna que
admirava
Tchau!
Tchau!

De sua aluna Neumade Fátima

Bélicia em primeiro lugar quero dizer que eu adorei as suas aulas.

Bélicia você fez tudo que uma professora faz para seus alunos, você sabe tratar agente bem que isso é o mais importante, você também sabe ensinar muito bem etc.

Bélicia o que eu escrever não foi porque você mim encinou porque se você fosse a ela, ruim, e mal eu dizia mais você não fez nada disso tá.

Bélicia você foi e será uma professora super legal simpática e educadíssima.

Bélicia Te desejo muita sorte para que o ano que vem você seja professora e conselheira você vai ser, se Deus quiser.

Bélicia se desejo tudo ou nada

Tudo que te faça feliz e
Nada que te faça sofrer.

Beijos de sua aluna Kumma.

Ass: Neuma de Fátima Paulino de Silva.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar
Ziloso da Silveira.

Aluna: Sheila Santos de Oliveira.
Professora: Elia
Turma: D. Turma: Verde.
Nº: 35.

Fazer uma avaliação das aulas
que a professora Elia ministrou.

Eu gostei, você é muito simpática,
e muito legal. As suas aulas foram
muito boas e sempre alegres.

As suas aulas foram muito
importantes e seu modo de ensinar
é muito bom e sua aula são
boas e eu não tenho que reclamar de
nada; desejo que seja sempre
feliz.

Ass: Sheila.

Campina Grande 123/55/3996

Relatório Sobre minha Professora

de História (Cila)

Professora gostei muito de suas aulas.
A senhora sempre foi uma boa professora
é uma professora dedicada a cada aula
gostei muito de suas aulas Admirei
muito o seu jeito de conversar com os
alunos. A senhora sempre foi ~~o~~ uma
professora atenta sobre fazer amizades
com todos que chegam perto de você
estó chegando final de ano quero-lhe
deser. Um abraço forte e um feliz
ano novo

ASS. Nilson Lopes de Oliveira

Nº 27

azer. uma mensagem das alunas que a pediram.
ora Célia ministrou. 5ª D Tarde

Eu achei suas aulas muito boas, me senti uma
aluna privilegiada.

Foi um prêmio de deus, ter você como prof.
Suas aulas valeu a pena, nunca esquecerei
de você.

Adoro o jeito como você ensina.

Boom seu jeito convincente, de ser

Gostei dos assuntos e dos exercícios

Valeu

continue assim!

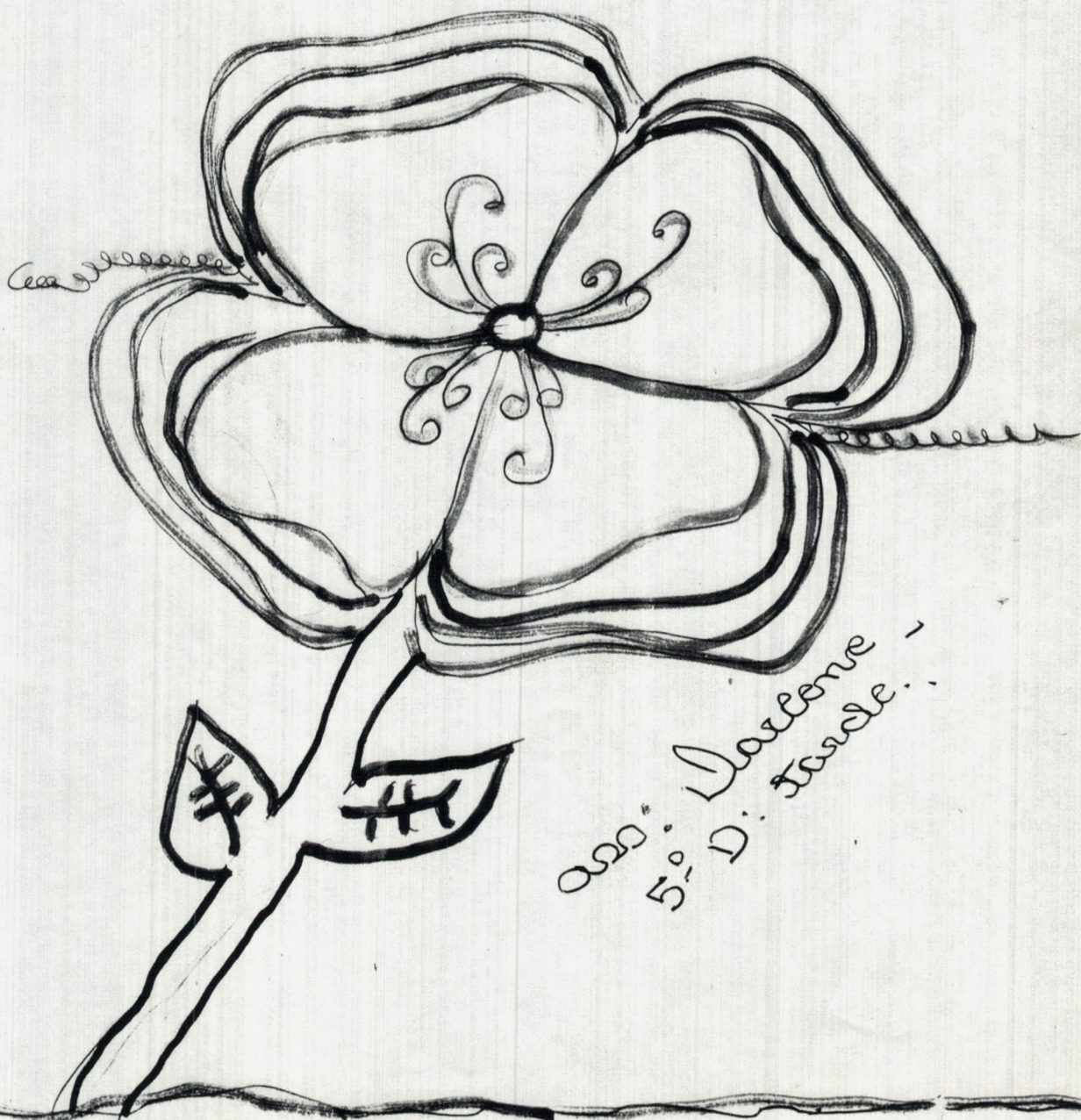
Um beijo

Paula.

As aulas de História

professora célia durante esses dias não fui
uma última professora com testes meus, com
não se aprendi muita coisa com não.

professora não é uma última pessoa, pois
fique sabendo se eu poderia fazer tudo para
testes como estudar com não, e lá se
aprendi muita coisa como por exemplo: que
a revolta de Felipe dos Santos foi em 1720
na sua fúria, muitas vezes, se aprendi outras
coisas, e lá se não deu o aulas muito diferente
das de amalia pois tinha estiga que aprendi
mais com não do que amalia, e lá se não
lembrar de testes não do que do esticada
pois é meu primeiro ano de 5º série, mais meus
professores foram testes últimos, não segun
para passar na sua matéria.



ass. Valene
5º D. Tardes

Avaliação

Os dias que a Professora nos deu foi muito importante porque ela nos explicou os assuntos de forma muito clara e gostosa. Ela é muito legal e tem capacidade de ensinar a qualquer aluno que quiser.

Julian Viegas da Oliveira

{ Aluna Adailma F. da Costa

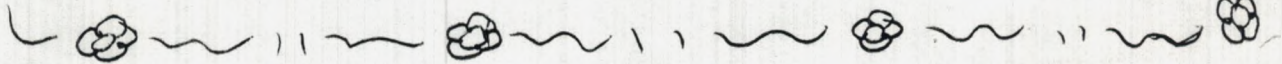
{ As aulas da Professora Célia }

- Eu achei a professora muito legal
{ maravilhosa simpática e muito
- excelente

{ Eu achei as suas aulas muito }
{ boa legal de se estudar eu gostei }
{ da senhora por que a senhora }
{ dar aula muito bem não briga }
{ com nenhum aluno não é chata }

{ gosto de todos os alunos e muito }
{ paciente com todos mas gostei }
{ muito da minha Professora }
- Célia

{ Ass: Adailma }
{ Para: Célia }



ESCOLA ...
ALUNA Rachel Araujo Odonato. Nº 32
SÉD TARDE.

Professora - Célia

Todas as aulas que a senhora deu, ajudou-me

~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ a compreender melhor o que é história.

Foi a primeira professora que eu vi ensinar uma

téria como se estivesse dentro da história.

Adorei as aulas, principalmente os exercícios, valeu

para assistir as aulas.

A senhora ensina super bem, tem jeito de ser

uma boa prof.

Não tenho muitas palavras para dizer, mais
vou ditar uma que valera' as linhas.

Valeu, professora continue ensinando como
você ensinou, você merece um diploma

5º D

Tarde

Solo = 2

As aulas da professora Celso era muito legal
com trabalhos e hoje é o seu último dia.
5º D é uma professora muito boa nunca
existiu uma pessoa igual a ela.

Ass. José Citar. Divino Barbosa.

que Vanessa costu serça n.º 25 Turma Tarde Turma 91
manta avaliação da Professora Celis

Eu acho muito boa e muito alegre sem eu
também adarei bastante as aulas que ela
adestrou da especia muito bom e não
~~reclamava~~ reclamava com agente as vezes
ela critica um pouco ~~mas~~ mais
assim do entédia.

Fim por Fim feito por mim

Beleza total
Professora
Celis

de
Vanessa
para
Celis
abrigado
por seu
ajuda
com
nossa

Aluno: Amaraiza Barreira

25/11/96.

Nº 5 Tardes 5º

Bem, eu assisti algumas aulas suas mãe que não tinha gastado, pois se for te sempre com os outros você é 100% melhor.

Das poucas aulas que assisti gostei para saber, pois você tem um jeito tão maravilhoso de dar aula com esse, sumo, hiper ~~ativa~~ limites, tudo me faz ver lento.

Não estava assistindo suas aulas por que sei lá! desculpa mesmo, Alho que não vai passar 1 litro nesse.

~~Eu sei lá~~ ~~eu sei lá~~ ~~eu sei lá~~ ~~eu sei lá~~

Por como diz meu namorado, nunca é tarde pro modo, quando gente quer de verdade, e agora vai ^{de tempo para} outros países se estão vivendo um histórico científico e matemático.

Bem, pessoal, meu comentário para aqui

Feliz natal

mil beijos, felicidades etc.
e boa sorte.

ótimo ano mal
antecipado.

De: Maria Fabiana R.A.: Lilia



Maria Fabiana

Lilia gostei muito das
suas aulas e de você
professora sabe porque
gostei das suas aulas
por que você explica bem
e sabe mesmo explicar
direito por isso eu gostei
da sua aula.

Professora Lilia lixeiramente
gostei muito de você para
mim sua explicação é
muito bem explicada
gostei de você, OK ~~de~~
em outra vez mas vamos ajudar se encontrar
se Deus quiser. ✍️

NOME Josenildo Bruno Calmon de Siqueira
SÉRIE 5ª
TURMA DA

Ausimo Touche

4) Fazer uma avaliação que os professores
deverão ministrar

Eu gostei muito de você.
achei você muito legal
simpático e bonito.
Seu jeito de ensinar
os alunos sem eles
e muito legal.

Fazer uma relação das obras que a professora

"Célia ministrava"

Eu gostei muito de você Célia
Das aulas que você deu foi
muito legais gostei muito de
um assunto das mineras de
ouro aquele assunto foi muito bom
agora foi assim você
você Célia tem muito pela frente
estudo que você chega lá.

muito uma aulas
trou foi com solidade

Adorei

CÉLIA

nome: dentro relação da Célia.